

## FREI CASIMIRO

### Testemunhos daqueles que o conheceram

Por Basileu dos Anjos Pires MIC

#### **Apresentação**

O Pe. Frei Casimiro de S. José Wyszynski, da Ordem dos Marianos da Imaculada Conceição, nasceu a 19 de Agosto de 1700, na Polónia. Estamos, pois a celebrar o 300º. Aniversário do seu nascimento.

O Frei Casimiro esteve em Portugal apenas cerca de três anos (em Lisboa, de 16 de Outubro de 1753 a 28 de Agosto de 1754; em Balsamão, de 6 de Setembro de 1754 a 21 de Outubro de 1755, data em que faleceu), mas a sua passagem entre nós deixou um testemunho de autenticidade e de abandono aos desígnios de Deus.

A sua causa de beatificação e canonização, iniciada logo após a sua morte e interrompida durante muito tempo devido a muitas circunstâncias, foi retomada em 1953 com bom êxito, podemos dizer, pois o Santo Padre João Paulo II já declarou solenemente a heroicidade das suas virtudes, a 21 de Dezembro de 1989, com as seguintes palavras: *Consta que o Servo de Deus Casimiro de s. José Wyszynski praticou as virtudes teologais, Fé, Esperança e Caridade, quer para com Deus quer para com o próximo, bem como as cardeais, Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza, e suas anexas, em grau heróico, no caso e para o efeito de que se trata.*

Para a beatificação falta agora o reconhecimento de um milagre realizado por sua intercessão.

A fama de santidade do Frei Casimiro divulgou-se imediatamente após a sua morte na região transmontana. Hoje, a sua santidade tem-se espalhado mais através daquelas pessoas que visitam Balsamão e ficam tocadas pela atmosfera que se respira junto do túmulo e no quarto. A devoção ao Frei Casimiro continua viva. Muitos têm manifestado interesse por conhecê-lo melhor. Era urgente uma publicação sobre o Frei Casimiro.

Este pequeno livro – *Frei Casimiro. Testemunhos daqueles que o conheceram* –, enquanto não aparece uma biografia mais completa e uma publicação mais elaborada, tem a finalidade de responder a esta legítima expectativa do povo cristão.

Este pequeno trabalho é, de alguma maneira, fruto das duas primeiras *Jornadas Culturais de Balsamão* que têm suscitado um grande entusiasmo pela figura do Frei Casimiro. Tivemos dúvidas se pôr ou não as notas de rodapé por se tratar de uma publicação de divulgação e não de carácter científico. Optamos pela publicação, dando, porém, ao texto um tamanho de letra maior e um estilo não pesado, de modo a torna-se mais fácil e agradável a leitura. Esperamos que o tenhamos conseguido.

Fazemos votos para que o testemunho do Frei Casimiro, na celebração do Grande Jubileu do Ano 2000 e no Jubileu do seu nascimento, renove a sua fé em Jesus Cristo e o entusiasmo na vivência da sua vocação específica na Igreja e no mundo.

## 1. Frei Casimiro: uma vida realizada

### Desde o nascimento até a entrada nos Marianos.

O Frei Casimiro nasceu no dia 19 de Agosto de 1700, em Jeziora Wielka, diocese de Poznan, na Polónia. Os pais, João Casimiro Wyszynsky e Edvige Rogala Zawadzka, abastados proprietários e de famílias nobres, tiveram dois filhas e seis filhos, sendo o Frei Casimiro, o mais novo<sup>1</sup>. Deram-lhe os nomes de Januário e Francisco. O Pe. Aleixo Fischer, da Ordem dos Marianos e um dos seus biógrafos, diz que lhe deram os dois nomes porque nasceu no dia de S. Januário, e era costume dar o nome do santo do dia, e foi baptizado no dia de S. Francisco (4 de Outubro). Até à entrada nos Marianos, o Frei Casimiro usou só o nome de Francisco.

A primeira educação recebeu-a na família. Foi educado pelo pai na obediência marcada por uma disciplina rígida. A mãe educou-o na fé e na docilidade a Deus. Aos 7 anos, juntamente com o irmão João, entrou para a escola dos Padres Piaristas, em Góra, perto de Varsóvia, que frequentou até aos 14 anos. A guerra de sucessão, ocorrida durante a infância e adolescência de Francisco, devastou a Polónia e obrigou a família Wyszynski a contínuas deslocações, criando um ambiente muito difícil para a formação intelectual e espiritual de Francisco. Como fizesse poucos progressos na escola, o pai tratava-o severamente. Exasperado por tal tratamento, sem o conhecimento e a permissão dos pais, fugiu de casa e iniciou uma peregrinação a Roma. Ao sabê-lo, a mãe, através de seu filho Miguel, mandou que seus criados fossem atrás do jovem Francisco a fim de o persuadir a voltar para casa. Apanharam-no a 70 Km de Varsóvia e convenceram-no a voltar para casa, onde a mãe e o seu irmão Miguel o acolheram muito cordialmente e lhe prometeram interceder junto do pai para que o tratasse com mais amor e compreensão<sup>2</sup>. De facto, desde então o pai começou a tratá-lo melhor e ele continuou a estudar, acabando os estudos de gramática.

Embora tivesse dificuldade nos estudos, Francisco progredia na vivência da vida cristã, mostrando um grande amor a Jesus na Eucaristia e a Maria Imaculada. Era membro do coro da escola e distinguia-se pela sua bela voz. Primava por não perder tempo. Nos tempos livres dedicava-se à oração, à leitura de bons livros e à pintura. Quando ouvia conversas inconvenientes aos colegas ou de alguma maneira faltavam à verdade, tinha a coragem de os chamar à atenção, tendo por isso de suportar o riso de desprezo dos companheiros, que deixava passar em silêncio<sup>3</sup>.

Com 16 ou 17 anos foi transferido para o colégio dos mesmos Padres Piaristas, em Varsóvia, onde frequentou durante 2 anos o curso de poética e de retórica.

<sup>1</sup> Dois irmãos do Frei Casimiro foram também religiosos padres: André João, na Congregação dos Piaristas, e João, na Congregação dos Padres da Missão de S. Vicente de Paula. Outro irmão, José, entrou no noviciado dos Marianos, mas saiu passado algum tempo.

<sup>2</sup> MIGUEL WYSZYNSKI, *Origem do Pe. Casimiro Wyszynski da Congregação dos Marianos da Imaculada Conceição da Beatíssima Virgem Maria*, 1757 (Manuscrito Original no Arquivo da Arquidiocese de Poznan – APZ/7), 2. Cf *Positio* sobre a causa de *beatificação e canonização do Servo de Deus CASIMIRO DE S. JOSÉ WYSZYNSKI*, Roma 1986, 25. (Citarei *Positio*, seguido do número da página). O Irmão Miguel esteve particularmente ligado ao Frei Casimiro e sobre ele escreveu esta biografia.

<sup>3</sup> Cf ADALBERTO MAGNUSZEWSKI, *Vida do Venerável Pe. Casimiro Wyszynski*, manuscrito (1757), in *Processo Informativo de Poznan do Frei Casimiro Wyszynski (PIPW)*, 368 v. Cf *Positio* 26.

Terminados os estudos de retórica, o pai mandou-o para o ofício jurídico do Vice-Presidente da corte de Varsóvia, a fim de o preparar para a carreira de magistrado. Era este o sonho do pai.

Mas não era esse o sonho de Francisco. Um ano chegou para perceber que não era aquilo que ele queria. Pelos seus 20 anos, Francisco decidiu deixar o estudo prático de direito e fez um voto de ir em peregrinação a Santiago de Compostela.

Não sabemos o motivo que levou Francisco a tomar tal decisão. Atendo-nos a alguns testemunhos, a razão seria a procura de novos rumos para a sua vida pois aquele não correspondia aos seus anseios. Segundo o Pe. Fisher MIC, o motivo desta decisão teria sido o suicídio de um colega.

O pai procurou dissuadi-lo, mas Francisco não desistiu do seu propósito. Aconselhado por Monsenhor Miguel, de Varsóvia, homem de grande estima e autoridade moral, a quem foi com o pai, fez um retiro de 8 dias nos Padres Missionários da Santa Cruz, que veio confirmar o seu propósito. E com a autorização e a benção do pai, fez-se peregrino de Santiago. Depois de ter atravessado a fronteira espanhola, Francisco achou-se gravemente doente e por ordem dos médicos regressou a Roma, por onde já tinha passado, para pedir a dispensa do voto, reservada ao Santo Padre. Depois de ter obtido a dispensa, permaneceu em Roma cerca de meio ano, visitando as igrejas e trabalhando para ganhar o seu sustento<sup>4</sup>.

### **Entrada nos Marianos**

Estando em Roma, encontrou-se por acaso com o P.e Joaquim de S.ta Ana Kozlowski, Procurador Geral dos Marianos, vindo da Polónia para tratar junto da Santa Sé de assuntos referentes a sua Ordem, que lhe falou dos danos causados pelo seu irmão, José, à Congregação dos Marianos.

De facto, José, irmão de Francisco, entrou no noviciado dos Marianos em 1716. O seu irmão Miguel, biógrafo do Frei Casimiro, conta que José era militar, e deixando a carreira militar tomou o hábito religioso dos Marianos, mas que o deixou pouco tempo depois, no mesmo ano, pelas dificuldades que sentiu em adaptar-se à disciplina religiosa, particularmente às mortificações e em abster-se das bebidas alcoólicas proibidas expressamente na Ordem dos Marianos. Habitado como estava à vida que levava antes de entrar para a vida religiosa, insistia que a vida religiosa se deveria reformar. Incitava os outros religiosos à revolta contra os Estatutos religiosos ainda não aprovados pela Santa Sé, e, juntamente com o Superior Geral Mateus Krajewski e outros religiosos descontentes pelo rigor exagerado, dirigiu-se ao Núncio Apostólico em Varsóvia, ao bispo de Poznan e a ricos influentes pedindo a dissolução da Ordem dos Marianos. O bispo Adão Rostkowski, depois de ter sido incumbido de estudar o caso e de ter feito a Visita Canónica à Ordem Mariana, fechou o noviciado e dispôs que os padres deixassem os conventos e fossem para as paróquias. Este duro golpe na jovem Ordem dos Marianos é conhecido com o nome de “dispersão rostkoviense”. Isto aconteceu em 1716 e durou até 1722. Nesta data, Pedro Tarlo, bispo de Poznan, ordenou que todos os marianos, sob pena de excomunhão, regressassem dentro de 10 dias aos seus conventos, convocando um Capítulo Geral da Ordem<sup>5</sup>. Depois do

<sup>4</sup> Cf *Ibid.*, 29-32.

<sup>5</sup> Cf *Positio*, 17-18, texto e nota 33.

Capítulo, o Pe. Joaquim Kozlowski foi enviado a Roma para obter da Santa Sé a aprovação dos *Estatutos* e a nova confirmação da Ordem, que obteve a 3 de Setembro de 1723, do Papa Inocêncio XIII. É neste preciso contexto que o Pe. Joaquim se encontra com o Francisco e lhe conta estes dolorosos acontecimentos provocados pelo irmão<sup>6</sup>.

Tendo ouvido isto, Francisco respondeu decididamente: ***“Eis-me aqui, eu quero reparar o que o meu irmão destruiu; peço à Vossa Paternidade o hábito dos Marianos”***<sup>7</sup>.

Francisco tinha encontrado o que procurava, tinha encontrado a sua vocação. Este vai ser o programa da sua vida: restaurar a Congregação dos Marianos. O Pe. Joaquim não se apressou a dar-lhe o hábito. Embora o Francisco insistisse para que o admitisse na Ordem, o Pe. Joaquim hesitava e não queria admiti-lo. E compreendia-se que assim fosse, pois estavam ainda frescos os acontecimentos dolorosos causados pelo irmão. Para conhecer melhor a vocação do jovem, o Pe. Joaquim levou-o consigo para o Convento de Aracoeli, onde, vivendo com ele, mais facilmente podia observá-lo e avaliar a sua vocação. O Pe. Joaquim deu-lhe, finalmente, o hábito branco dos Marianos no dia 18 de Novembro de 1723 (tinha ele 23 anos), na igreja polaca de S.to Estanislau, em Roma, dando-lhe também o nome novo de Casimiro de S. José.

O Frei Casimiro, de regresso à Polónia, sai de Roma com o Pe. Joaquim e o Irmão Nicolau de S. Martinho, em Dezembro do mesmo ano. Em Veneza, o Pe. Joaquim separa-se dos seus companheiros de viagem. O motivo desta separação deve procurar-se no tratamento dado pelo Pe. Joaquim ao Irmão Nicolau. Durante as refeições, o Pe. Joaquim exigia para si e para o Frei Casimiro alimentos requintados, enquanto que para o Ir. Nicolau qualquer coisa servia. Além disso, o Pe. Joaquim não queria comer na companhia do Ir. Nicolau. Mais ainda, punha às costas do pobre Irmão toda a bagagem dos viajantes, enquanto que o Frei Casimiro insistia que o peso fosse dividido igualmente pelos três. Esta maneira de proceder do Pe. Joaquim desgostava o Frei Casimiro, que com delicadeza lho manifestou. O Pe. Joaquim, não aceitando estas observações do Frei Casimiro, separou-se deles ordenando-lhes que seguissem por outro caminho<sup>8</sup>.

Embora não saibamos exactamente o dia da sua chegada, o Frei Casimiro já se estava na Polónia no dia 3 de Março de 1724, mais precisamente, no distrito de Opozno, onde se encontrou por acaso com Adalberto Magnuszewski, seu companheiro de escola em Góra. Este, tendo-o convidado para sua casa, pediu-lhe que ficasse ali alguns dias a fim de descansar da viagem. O Frei Casimiro aceitou ficar apenas uma noite em casa do amigo, recusando-se, porém a aceitar as almofadas da cama e outras comodidades pouco convenientes aos religiosos, o que causou não pouca admiração ao seu antigo colega, que virá a ser um dos seus biógrafos. Na casa de Adalberto o Frei Casimiro deixou a recordação de um homem modesto, mortificado, prudente e maduro no falar, amante da oração, distinguindo-se particularmente pela caridade para com o Ir. Nicolau, seu companheiro de viagem<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf *Ibid.*, 40.

<sup>7</sup> MIGUEL, *Origem*, 4; *Prot. Bals.*, 92; Cf *Positio*, 32.

<sup>8</sup> Cf *Positio*, 40-42.

<sup>9</sup> Cf *Positio*, 42.

A caminho do convento de Korabiew, o Frei Casimiro passou pela casa paterna a fim de cumprimentar os pais. Encontrou a mãe agonizante, tendo-a assistido na morte e participado no funeral.

Entra no noviciado (ano de iniciação à vida religiosa) no dia 19 de Março de 1724, e faz a profissão solene dos votos a 19 de Março de 1725. A 20 de Abril de 1726, é ordenado sacerdote e, passado algum tempo, nomeado mestre de noviços. Embora os *Estatutos dos Marianos* determinassem 3 anos de estudos, depois da profissão religiosa, de preparação para a ordenação sacerdotal, o Frei Casimiro teve apenas um ano. O Frei Casimiro culpa o Pe. Joaquim de não lhe ter permitido fazer esses estudos. Estudos que ele procurou fazer depois da ordenação já como mestre de noviços.

No Cap. Geral de 1728 é confirmado no cargo de mestre de noviços que desempenhou até 1730. Durante este tempo desempenhou também o cargo de Vice-superior do Ermo de Korabiew (primeiro convento dos Marianos) e Secretário Geral.

Em 1730 foi a Roma porque os padres “veteranos” que regressaram de *dispersão rostkoviense* o perseguiam ao ponto de o ameaçar com a morte. Isto porque aos velhos padres não lhes agradava que o jovem religioso tivesse cargos de responsabilidade, principalmente o de mestre de noviços, e porque ele promovia o bem da Congregação, consolidando a obediência na Ordem. O principal opositor de Frei Casimiro era o Pe. Joaquim de S. Ana Kozlowski que o obstaculava na formação dos noviços e pretendia ser considerado o “ Patriarca “ da Ordem, pretensão à qual se opunha o Frei Casimiro, considerando-a lesiva à memória do Fundador. Por isso o Frei Casimiro foi a Roma a fim de procurar remédios contra os perigos de laceração da Ordem, pedindo a visita da Comissário Geral da Ordem dos Frades Menores Observantes, de quem dependia então a ordem dos Marianos. Já durante o noviciado o Frei Casimiro, através de seu Irmão Miguel, tinha pedido, e foi-lhe concedida, uma visita de Roma porque havia abusos na vida religiosa, e a disciplina e os Estatutos no noviciado não eram observados<sup>10</sup>.

Esteve em Roma de 1730 a 1733. Além de tratar do assunto referido fez todo o esforço para fundar o mosteiro dos Marianos em Roma (junto da Capela de N.ª S.ra dei Cerchi ), mas não conseguiu por falta da confirmação do Concelho Geral.

Depois do regresso à Polónia, o Cap. Geral de 1734 confia-lhe de novo os cargos de Secretário Geral, de Mestre de noviços e Vice-superior de Korabiew. É, além disso, eleito II Assistente (Conselheiro) Geral da Ordem. Em 1735 o Frei Casimiro aceitou também o encargo de Professor de Teologia moral e, no de 1736, o de Padre Espiritual do Ermo de Korabiew, para ajudar na formação dos jovens religiosos.

Até ao Cap. Geral de 1737, desempenhou com grande zelo estes cargos, manifestando-se um apaixonado pela vocação mariana e despertando entre os Marianos a devoção à Virgem Imaculada e à memória do Padre Fundador. O seu trabalho juntamente com a visita do Comissário franciscano, por ele pedido em Roma, contribuiu grandemente para a pacificação e sanação da Ordem mariana.

Foi provavelmente entre 1734 e 1737 que o Frei Casimiro, a fim de promover na Polónia a verdadeira devoção a Maria entre os religiosos, padres e leigos, traduziu do latim para polaco o livro *Imitação da Beatíssima Virgem Maria* do jesuíta espanhol Francisco Arias, reelaborando-o à luz das dez virtudes de Maria da Regra da Ordem dos Marianos e enriquecendo-o com um prefácio de 36 páginas e um novo título: *Estrela*

---

<sup>10</sup> Cf *Positio*, 44-45. 76-77.

*da Manhã*. Este é considerado o escrito mais importante do Frei Casimiro<sup>11</sup>. No dito prefácio, opondo-se a uma falsa devoção a Maria, propõe a verdadeira devoção a Maria que consiste, segundo ele, na imitação das suas virtudes evangélicas.

No Cap. Geral de 1737, foi eleito Superior Geral da Ordem, cujo ofício desempenhou até 1741, levando a cabo uma autêntica renovação da vocação mariana dos seus confrades, segundo o espírito do Fundador. Apelava à responsabilidade dos religiosos marianos com o objectivo de revigorar a disciplina e a vivência da vida religiosa, insistindo particularmente na prática da caridade. Outro ponto do seu programa de Superior Geral foi procurar novas vocações para os marianos. O seu campo de pastoral vocacional foi a Boémia, fora da Polónia, donde vieram, num período de 3 anos, 22 novas vocações para os marianos<sup>12</sup>. Levava assim por diante aquilo a que se tinha comprometido quando se decidiu ser mariano: “ Eu quero reparar o que o meu irmão destruiu”.

De 1740 a 1747, o Frei Casimiro foi superior do convento de Góra, confessor das Irmãs de S. Domingos em Góra, pregador e fundador da Confraria da Divina Providência, na linha da devoção dos Marianos à Divina Providência que remonta ao tempo do Fundador.

De 1747-1750, exerce pela segunda vez o cargo de Superior Geral, continuando a sua acção renovadora da Ordem.

Em jeito de conclusão dos quase 6 anos de Superior Geral, no conjunto dos 2 mandatos, ele resume a sua actividade de renovação da Ordem pondo-se a si mesmo e aos seus confrades as seguintes perguntas a que a última visita canónica irá dar resposta: A obra do Espírito Santo foi eficaz em nós? Os Marianos foram autênticos Marianos na imitação de Maria, na correcta observância da Regra e das Constituições, na prática da caridade e da paz fraterna, pobreza, castidade e na exacta obediência?

Durante este último triénio de Superior Geral, fundou quatro novas Casas: 2 na Lituânia ( Rasna e Staropol) e 2 na Ruténia (Berezdów e Samczyki-Ostrzyków).

De 1750 a 1753, o Pe. Frei Casimiro exerceu pela sua vez o cargo de Procurador Geral em Roma. Os problemas confiados ao Frei para resolver foram os seguintes: 1. Defender os Marianos do Pe. Turczynowicz de Vilna, que queria fundar um novo instituto com o mesmo nome a mesma Regra dos Marianos; 2. Encontrar e adquirir, se possível, uma casa para a fundação dos Marianos em Roma; 3. Recolher informações para iniciar o processo de beatificação do Fundador da Congregação, P.e Estanislau Papczynski. Na primeira e terceira missão, o Frei Casimiro teve êxito; na segunda, não<sup>13</sup>.

### **Fundador dos Marianos em Portugal**

Durante essa sua estadia em Roma, sendo Procurador Geral, O Pe. Frei Casimiro recebeu, através do Ministro Geral dos Frades Menores, Pe. Pedro de Molina, uma carta de António de Sousa Salazar Teixeira, um padre português de Lisboa, em que se pedia para enviar dois religiosos Marianos para Portugal, a fim de fundar aí um convento da Ordem da Imaculada Conceição. O Projecto foi falsamente apresentado como se fosse desejado e autorizado pelo próprio rei de Portugal, D. José.

<sup>11</sup> Cf *Ibid.*, 293-293.

<sup>12</sup> Cf *Posito*, 111-119.

<sup>13</sup> Cf *Posito*, 145-183.

O Frei Casimiro muito se alegrou com este convite, que comunicou imediatamente ao Superior Geral, na Polónia, dizendo-lhe que era uma oportunidade a não perder. Vendo que o Superior Geral demorava a dar resposta a um assunto tão urgente, e desejoso de estender a sua Ordem até Portugal, o Frei Casimiro ofereceu-se ele mesmo ao Superior Geral para esta missão, e foi aceite. E quando o Pe. Molina, Superior Geral dos Franciscanos, pretendeu dissuadi-lo desta missão, levantando um pouco o véu sobre a verdade dos factos quanto à origem do convite, que aconselhava a não empreender a missão, ele responde energicamente: ***de modo nenhum se pode fazer isso, visto que já se divulgou por toda a parte e para este fim foram chamados os Marianos da Polónia***<sup>14</sup>.

O Frei Casimiro e o Pe. Benão Bujalski, vindo da polónia para esta missão, iniciaram a sua viagem para Portugal no dia 14 de Maio de 1753, e, através de muitas tribulações, chegaram a Lisboa no dia 16 de Outubro de 1753. Mas o pior estava para vir. Encontrando-se com o Pe. António de Sousa Salazar, descobriram imediatamente que o projecto da fundação mariana em Portugal nasceu unicamente das ambições pessoais dele e que não tinha nenhuma autorização régia ou eclesiástica. Ficaram desapontados.

Depois de 2 meses passados em casa do Pe. Salazar, o Pe. Benão, doente e desanimado, regressou à Polónia. O Frei Casimiro decidiu ficar, confiado na Divina Providência, pronto a suportar todos os males, mesmo a morte, em favor dilatação do culto à Imaculada Conceição.

As condições de vida em casa do Pe. Salazar, segundo o testemunho do Pe. Benão, eram insuportáveis. O Pe. Salazar tratava cruelmente os dois hóspedes, particularmente o Pe. Frei Casimiro, fazendo-o passar pela fome, sede, humilhação e mortificação de todo o tipo. O próprio Pe. Salazar o confessou a chorar, depois da morte do Frei Casimiro: “fi-lo mártir”. Por isso fez-se peregrino a Balsamão “para implorar o seu castigo junto do seu túmulo”<sup>15</sup>. O dito Padre infligia todas as injúrias e vexames ao Frei Casimiro com o único intuito de o provar na virtude. O Frei Casimiro sofria tudo com paciência e obedecia ao Pe. Salazar como se fosse seu superior. Ao Pe. Benão, que lhe dizia: “vamos embora desta casa, que este homem é um judeu”, o Frei Casimiro, com muita submissão e humildade, respondeu: “soframos com paciência”<sup>16</sup>.

Algum tempo depois da partida do Pe. Benão, o Frei Casimiro, por intercessão de dois benfeitores e amigos (Salvador Marcelo de Figueiredo e Silva e António Joaquim de Oliveira Pires) e por ordem do Cardeal Tempì, Núncio Apostólico em Portugal, foi subtraído ao poder do Pe. Salazar, deixando o Monte Abóboda (Cascais), onde o Pe. Salazar queria fundar o seu instituto e os teve “presos”, e indo viver para o Convento de S. Pedro de Alcântara, em Lisboa. Seis dias depois da sua transferência para o Convento de S. Pedro de Alcântara, dia 25 de Março de 1754, o Frei Casimiro deu o hábito mariano ao primeiro português: Frei João de Deus da Conceição, que era natural de Moncorvo e vivia em Lisboa.

O Frei Casimiro, entretanto, procurava, com a ajuda dos seus amigos, um lugar onde pudesse viver com calma e aí fundar o Convento dos Padres Marianos. Frei João

<sup>14</sup> *Diário Romano do do Servo de Deus Casimiro Wyszynski, Ann. V, 1. (Citarei: Diário) Cf Positio, 238.*

<sup>15</sup> ALEIXO FISCHER, *Vida, virtudes e santos costumes do Venerável Padre Casimiro, 1759*, manuscrito original, conservado na Biblioteca Municipal Dr. Júlio A. Teixeira, Vila Real, in *Protocollum. Balsamanense.*, 106; Cf *Positio*, 242.

<sup>16</sup> *Processo Informativo de Miranda (PIM) (ver adiante, ponto 2.)*, 41f.

de Deus recordou-se, então, que perto da sua terra natal, havia um hospício habitado por alguns homens que viviam uma vida eremítica, mas sem regra religiosa e com o desejo de adoptarem uma: eram os “Barbadinhos” de Balsamão. Seria o lugar apropriado. Apresenta o projecto ao Frei Casimiro que aceita a proposta. Escrevem para o Bispo de Miranda, D. João da Cruz, apresentando-lhe a Ordem dos Marianos e pedindo-lhe para serem admitidos em Balsamão. O Bispo, depois de falar com os Eremitas de Balsamão, respondeu favoravelmente ao pedido do Frei Casimiro<sup>17</sup>.

O Servo de Deus e o Frei João de Deus saíram de Lisboa no dia 28 de Agosto de 1754 e chegaram a Balsamão no dia 6 de Setembro de 1754. Foram muito bem recebidos pela Comunidade dos eremitas de Balsamão, bem como pelas autoridades do Município de Chacim e pelos representantes da Ordem de Cristo. Era superior da Comunidade dos Eremitas o Pe. Jerónimo da Trindade, “varão verdadeiramente perfeito”, no dizer do Frei Casimiro<sup>18</sup>.

Depois de alguns dias de descanso, o Frei Casimiro, acompanhado por Frei João de Deus e pelo Pe. Jerónimo, foi a Bragança a fim de se apresentar ao Bispo, que estava então temporariamente naquela cidade. No dia a seguir à sua chegada a Bragança, o Pe. Jerónimo morre inesperadamente. O Senhor Bispo nomeia o Frei Casimiro superior dos Eremitas e autoriza-o a dar-lhes o hábito dos Marianos e a admiti-los à profissão religiosa, ficando sob a jurisdição do Ordinário do Lugar. O Frei Casimiro e o Frei João de Deus demoraram-se em Bragança cerca de duas semanas.

No Natal de 1754, o Frei Casimiro mandou uma carta de Boas Festas ao Senhor Bispo, a que este respondeu no dia 2 de Janeiro de 1755, manifestando o seu agrado pelo trabalho desenvolvido pelo Servo de Deus no governo da Casa e na formação dos candidatos.

A 13 de Abril de 1755 o Frei Casimiro dá o hábito e admite ao noviciado 5 portugueses e aceita 2 novos candidatos.

O pedido do Frei Casimiro, o Senhor Bispo, a 22 de Maio de 1755, dá-lhe a faculdade de administrar os sacramentos, não só aos confrades, mas também aos peregrinos que vêm visitar o Santuário de N.ª S.ra De Balsamão<sup>19</sup>.

O Frei Casimiro, depois de quase 3 anos de grande dedicação, passando por muitas tribulações, tinha agora a alegria de ver fundada a primeira comunidade dos Marianos em Portugal. Ele não pára de sonhar e a sua paixão continua viva:

“Pela graça de Deus, não me falta nada, mas ao contrário, acima de mim mesmo a maravilhosa Providência Divina neste longínquo e desconhecido país, encontro maior desejo de servir a Congregação da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria.[...]. O grande desejo de trabalhar tenho-o porque há esperanças para o desenvolvimento da Congregação. [...]. Temos a esperança que esta Ordem, para honra da Mãe de Deus, de difundirá em todo o Portugal e Espanha. O Bispo de Miranda, que se tornou um poderoso benfeitor, tem um irmão no Brasil. Se em caso tivéssemos de ir para lá, a nossa Ordem poderia ter um grande desenvolvimento”<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> Cf *Posito*, 241-246.

<sup>18</sup> *Diário*, Ann. III, 36 f.

<sup>19</sup> Cf *Positio*, 247-248.

<sup>20</sup> Uma das páginas do *Diário* entre 13 de e 28 de Agosto ( Cf *Positio*, 248). Esta citação foi tirada de JOSÉ MANUEL MORAIS, MIC, *As Ordens religiosas da Imaculada Conceição em Portugal nos Séc. XVII e XVIII*, in *DE CULTO MARIANO SAECULIS XVII-XVIII. Actas do Congresso Mariológico-Mariano Internacional*,



## Doença e morte do Frei Casimiro

O Frei Casimiro sofria da doença da *malária*, da qual tinha tido algumas manifestações com o clima de Roma. Na altura era considerada como febre cujo processo era rápido e tinha como desfecho a morte. Na carta que o Frei Casimiro escreve ao superior Geral, com a data de 13 de Junho de 1755, embora dizendo que estava muito bem de saúde, parece pressentir que a hora da partida para o Pai já se aproximava e pede que venha alguém da Polónia para manter a união com a Congregação: ***dado que estou avançado em idade, e não sabendo o dia nem a hora, gostaria que algum de entre os jovens, viesse da Polónia até junto de mim .... a fim de se poder conservar deste modo a união da nossa Congregação***<sup>21</sup>.

A febre da malária manifestou-se claramente no dia 19 de Setembro de 1755, e num espaço de 31 dias levou-o à morte. As suas condições de saúde iam-se agravando de dia para dia. Mostrava-se muito paciente em todas as incomodidades da doença, repetindo frequentemente as palavras: ***Bendito seja o Nome do Senhor!***; e somente demonstrava desagrado pelo incómodo que causava aos irmãos que se prodigalizavam em assisti-lo, dizendo: ***o que tenho pena é incomodar-vos***<sup>22</sup>.

Nas últimas horas, ele próprio pediu que lhe fossem administrados os sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia, e lhe fosse dada a Unção dos Enfermos. Depois de os receber, disse: ***Nada mais me falta; bendito seja Deus!***<sup>23</sup>. Tinha cumprido sua missão. Aos seus irmãos noviços, reunidos a volta dele, deu-lhes a bênção e exortou-os à perseverança e ao cumprimento da Regra, e, vendo-os aflitos, disse-lhes: ***Não choreis – a santíssima Virgem é a vossa fundadora, e eu, quando deixar este corpo e a minha alma for levada para Deus, como, por misericórdia de Deus e pelos méritos do meu Salvador, espero, então vos serei mais útil***<sup>24</sup>. Repetindo as palavras ***bendito seja Deus!***, exalava o último suspiro e adormecia serenamente no Senhor, pelas 3 da manhã do dia 21 de Outubro de 1755. No mesmo dia, cerca de 10 horas depois da morte, foi sepultado na igreja, perto do altar de S. José, do lado da epístola. O Pe. José António da Rocha, vigário do Lombo, testemunhará que, não obstante a estatura bem proporcionada do defunto, o peso dos restos mortais era bastante leve, não exalava qualquer mau cheiro e os traços do semblante pareciam de um homem ainda vivo.

## A fama de santidade do Frei Casimiro

A fama de santidade de Frei Casimiro espalha-se logo após a morte. O *Elogio fúnebre do Servo de Deus Frei Casimiro*, proferido no dia 10 de maio de 1756, pouco mais de 6 meses depois da sua morte, testemunha isso mesmo. Nele se refere que o Frei Casimiro progrediu nas virtudes, nos estudos e na observância das Constituições da sua Congregação; e que, ainda muito novo, foi eleito Superior Geral e depois Procurador Geral, tendo contribuído muito para o desenvolvimento do Instituto

---

realizado em Malta, no ano de 1983, Vol. VII (PONTIFICIA ACADEMIA MARIANA INTERNACIONALIS, Roma 1988), 162.

<sup>21</sup> *Diário, Ann. III*, 36 f; Cf *Positio*, 314.

<sup>22</sup> *PIM*, 30 f e v.

<sup>23</sup> *Ibid.*, 23 v.

<sup>24</sup> FISCHER, *Vida*, in *Prot. Bals.*, 112.

Mariano. Foi inflamado pelo desejo de o dilatar pelo mundo que veio para Portugal. O *Elogio fúnebre* narra depois todos os passos dados pelo Frei Casimiro desde a sua chegada a Balsamão até a sua morte pela qual Jesus Cristo e Sua e nossa Mãe Imaculada vieram premiar uma vida cheia de méritos. E termina com um cariz franciscano do testemunho do Frei Casimiro: ***Efectivamente confirma isto a cândida e inocente índole do Venerável Casimiro, com que atraía a si as aves do céu, que entravam espontaneamente sem medo no seu quarto e o tratavam com familiaridade até um sinal seu, sem o qual não saíam da sua cela. Significa o mesmo aquela ave a todos estranha pelo canto e pela cor, que solenizou a morte do Venerável padre (coisa anunciada antes por ele) com uma melodia harmónica e suave, e imediatamente desapareceu dos olhos de todos. E não testemunha menos o mesmo a grande flexibilidade do seu corpo em todas as suas partes, e a rara beleza do seu rosto; a copiosa efusão de sangue pelo corte da veia, e o suavíssimo odor, que ainda hoje permanece no seu quarto. Por isso é tido na maior veneração por todos os habitantes transmontanos***<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> *Prot.Bals.*, 52-53. Cf *Positio*, 328-330; Tradução do Pe. José Manuel Morais MIC, em folhas dactilografadas, 1986, Arquivo de Noviciado, Balsamão.

## 2. Testemunho daqueles que conheceram o Frei Casimiro

### Introdução

No dia 22 de Outubro de 1763, oito anos depois da morte do Frei Casimiro, teve início na diocese de Miranda, mais concretamente, em Chacim, na Residência Paroquial, o *Processo Informativo* sobre a fama das virtudes, da santidade e dos milagres do Venerável Padre Frei Casimiro de S. José Wyszynski, da Ordem dos Clérigos Marianos da Imaculada Conceição, sob a autoridade do Bispo de Miranda, D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, da Ordem dos Pregadores<sup>26</sup>.

Foi primeiro juiz deputado o Rev. Padre Gaspar Caetano de Sá Ferreira, cantor máximo da Igreja de Miranda e pároco de Chacim, e promotor deste processo, por parte da Ordem dos Marianos, o Padre Frei Aleixo de S. Octaviano Fischer, que veio para Balsamão a fim de continuar a obra iniciada pelo Frei Casimiro.

Neste *Processo Informativo* para a Beatificação e Canonização do Frei Casimiro, foram chamados a testemunhar sobre a fama das suas virtudes, da sua santidade e dos seus milagres várias pessoas que o conheceram pessoalmente.

Este *Processo Informativo* contém também os interrogatórios feitos na Câmara Patriarcal de Lisboa, já que em Lisboa havia pessoas que conviveram de perto com o Frei Casimiro.

O meu trabalho consistirá em recolher estes testemunhos contidos nesse *Processo Informativo*, conhecido por *Processo Informativo de Miranda (PIM)*, que está em manuscrito e do qual possuímos cópia. Sigo uma ordem cronológica, apresentando primeiro os testemunhos das pessoas que o conheceram em Lisboa ou antes e depois das que o conheceram em Balsamão.

### Testemunho do Padre Frei Rafael de S. João Baptista<sup>27</sup>

Era religioso professo da Ordem dos Marianos da Imaculada Conceição, procurador da Congregação da Casa de Balsamão, natural do arcebispado de Turim (Itália) e morador, na altura (1768), em Lisboa, no sítio da Lapa, freguesia de Santos, de 40 anos de idade<sup>28</sup>.

Disse que conheceu muito bem o Servo de Deus Frei Casimiro em Roma, no Convento de Ara Caeli, onde o aceitou para ser religioso da sua Ordem. Por ter de partir para Portugal, deu-lhe o hábito o Pe. Frei Aleixo de S. Octaviano [Fischer], a quem acompanhou para a Polónia e dali para Portugal, onde já não achou vivo o dito Servo de Deus por ter morrido três anos antes<sup>29</sup>.

<sup>26</sup> *Mirandensis in Lusitania: Processus Informativus Super fama Virtutum, Sanctitatis, et Miraculorum Venerabilis P.Fr.Casimiri a Sancto Josepho Wyszynski Poloni Ordinis Clericorum Marianorum Immaculatae Conceptionis Beatissimae Virginis Mariae, Animabus in Purgatorio Suffragantium Ex-Praepositi Grilis, in Hospicio Drae N. de Balsamão Ejusdem Episcopatus Mirandens Pie Defuncti (1763)*, página 1 e 2. Nas citações poremos apenas a sigla: PIM (*Processo Informativo de Miranda*), seguida do número da página. Sigo a paginação da cópia do PIM que possuímos no Convento de Balsamão.

<sup>27</sup> Mais conhecido entre nós por Pe. Rafael de Buffa.

<sup>28</sup> Cf PIM, 284 v.

<sup>29</sup> Cf PIM, 285 v.

Nos quatro anos que estive na Polónia, ouvira frequentemente dizer, tanto aos Religiosos Marianos como aos Seculares que conheciam e lidavam com o Frei Casimiro, que era muito virtuoso e tinha grande fama de santidade; e o mesmo ouvira dizer em Portugal, depois que aqui chegara, havia nove anos, seja na Província de Trás-os-Montes seja na cidade de Lisboa<sup>30</sup>. Também ouvira dizer publicamente, tanto na Polónia como em Portugal, que o Frei Casimiro praticava em grau heróico todas as virtudes cristãs, principalmente as da modéstia, humildade e oração<sup>31</sup>.

Ouvira ainda dizer ao Pe. Frei João de Deus, Religioso Mínimo, “o qual sendo companheiro do Servo de Deus e tendo o hábito da sua Religião, indo em sua companhia de Lisboa para Balsamão e chegando a Sacavém, e perguntando o Venerável Padre se ali acabava Lisboa, disse olhando para a dita cidade: **Lisboa, Lisboa, em breve serás julgada**”<sup>32</sup>.

### Testemunho de Salvador Marcelo de Figueiredo Silva

Transcrevo a *Atestação* que ele fez em 1756 e que consta do *Processo Informativo de Miranda*:

#### “Atestação

Salvador Marcelo de Figueiredo Silva, cavaleiro fidalgo da Casa de Sua Majestade, que Deus guarde, certifico-me que conheci e convivi com o Reverendíssimo e Venerável Padre Frei Casimiro Wyszynski, ex- Superior Geral da Congregação dos Clérigos Regulares da Ordem da Imaculada Conceição de Maria Santíssima Nossa Senhora, no Reino da Polónia e neste fundador da mesma Ordem.

Depois de ter chegado a esta cidade de Lisboa e ter vivido em casa de certo Eclesiástico, e tendo eu notícia de que na companhia do mesmo se achava o Venerável Padre com pouca esperança da fundação para que viera, e tratado com menos caridade, e que por esse motivo o seu companheiro, o Revendo Padre Frei Benão, o desamparara e se fora para a sua pátria, incitado pelo desejo de lhe valer de algum modo, resolvi procurar ocasião de o contactar.

Achando-o em certa ocasião em a correaria de Lisboa, perguntei-lhe se era da Ordem da Imaculada Conceição, e dizendo-me que sim, instei que tinha de tratar com ele acerca da fundação, convidando-o para ir para minha casa celebrar, aonde lhe daria as esmolas das missas que ia dizer à Igreja de Santo António. Aceitando ele o convite, no domingo seguinte, levei-o para minha casa e disse missa no meu oratório, o que continuou a fazer em todo o tempo que viveu em Lisboa.

Conversando comigo mais familiarmente, pediu-me que o acomodasse em qualquer lugar, ainda que mui pobremente, a fim de se puder apartar da companhia do Eclesiástico em cuja casa vivia, ocultando sempre os motivos que a isso o obrigavam. Condescendendo com a sua súplica, resolvi falar sobre este assunto com o

<sup>30</sup> Cf *PIM*, 285 v e 286 f.

<sup>31</sup> Cf *PIM*, 286 f.

<sup>32</sup> O original está em italiano: *A Lisbona, Lisbona, presto sara [i] giudicata*. *PIM*, 286 v. Nas citações, como fiz aqui, não farei a transcrição em português arcaico, como está no original, mas em português actual, para facilitar uma melhor compreensão ao leitor.

Capitão António Joaquim de Oliveira Pais, cunhado do Reverendo Padre Frei João de Deus da Conceição, que neste Reino tinha já principiado os requerimentos da Fundação para que tinha vindo o Venerável Padre. E tendo acordado que só num convento poderia ser louvável a sua estadia, suplicamos ao Excelentíssimo Núncio que nos desse uma patente para este efeito, tendo-nos sido concedida para o Convento de São Pedro de Alcântara, onde viveu alguns tempos, sustentando-o nós com as esmolas que se davam à comunidade, conforme as condições em que o aceitaram, causando admiração em todos os religiosos com os exercícios exemplares da sua vida.

Padecendo, porém de algumas moléstias, veio, com licença de Reverendíssimo Guardião, para minha casa, onde esteve alguns dias, e daí para a minha quinta de Canena, onde viveu comigo até à sua partida para Balsamão.

Nesta minha quinta onde vivemos, observei sempre no Venerável Padre o exercício de muitas virtudes, principalmente a da rara prudência, do continuo recolhimento, das moderadas palavras, da abstinência e da oração contínua, e, finalmente, ocupando todo o tempo em louváveis exercícios, dando a todos raro exemplo com a sua vida religiosa e costumes, sem nunca me ter molestado em coisa alguma. Saindo um dia do seu quarto, que tinha separado, disse-me com inexplicável alegria que tinha falecido a nossa Rainha, a Senhora Dona Mariana de Áustria, consorte do nosso ínclito Rei Dom João Quinto, dizendo a hora em que ela tinha falecido. Perguntando-lhe a razão que tinha para assim o afirmar, respondeu que vira subir ao céu uma resplandecente luz do sítio de Belém, afirmando ser seu bem-aventurado espírito, e me obrigou, com suas instâncias, a que pela manhã fôssemos a Belém deitar água benta e venerar o defunto corpo. Levado eu pela curiosidade e admiração da novidade por não constar ainda que era falecida a Dona Senhora e ser muito cedo, razão porque não se podia ainda saber por ficar a minha quinta a três léguas de Belém, nem o Venerável Padre ter comunicado naquela noite com pessoa alguma que lhe pudesse dar tal notícia, parti com ele para Belém e constatei que era verdade o que o Venerável Padre me tinha referido.

Por tudo isto ser verdade, juro pelos santos Evangelhos.

Canena, oito de Novembro de mil setecentos e cinquenta e seis.

Salvador Marcelo de Figueiredo Silva<sup>33</sup>.

### **Testemunho de António da Silva e Sousa**

Era Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, criado do Infante Dom Pedro, administrador da Sua fazenda, Procurador Geral do Tombo e Casa do Infantado, de 40 anos de idade.

Conta que “aos 2 de Outubro de 1753, indo ele da cidade de Beja para Mértola, povoação que fica na extremidade do Reino, encontrou numa serra, debaixo de uns sobreiros, refugiado do calor, o Servo de Deus Padre Frei Casimiro com o seu companheiro. Apeando-se junto deles, saudou-os. Não sabendo ele nenhuma palavra das línguas que os ditos religiosos falavam e não sabendo os mesmos nenhuma palavra portuguesa, percebeu perfeitamente que o Servo de Deus vinha da Polónia para Lisboa a fim de fundar a sua Congregação [...]. Foi assim que conheceu o Frei Casimiro, tratando desde então com ele várias vezes por escrito ou de viva voz<sup>34</sup>”.

<sup>33</sup> PIM, 272 v até 274 f.

<sup>34</sup> PIM, 291 f.

Disse que ele presenciara muitas vezes “a sua grande e suma humildade evangélica, pobreza, pobreza que ele muitas vezes socorrera por conhecer a urgência e a necessidade temporal em que o dito Servo de Deus se encontrava, e também lhe conhecera a sua muita paciência em sofrer”, particularmente as impertinências do patrão da casa onde ficou hospedado ao chegar a Lisboa, sem delas se queixar ou ficar escandalizado<sup>35</sup>.

António da Silva e Sousa, reflectindo sobre o primeiro encontro que teve com o Frei Casimiro perto de Mértola, reconhece algo de admirável, pois ambos falavam uma língua estranha um para o outro e entenderam-se perfeitamente, tendo o Frei Casimiro aceitado os guias que os conduziram a Beja, onde depois ele, António da Silva e Sousa os iria encontrar a fim de os levar para Lisboa. Tudo isso não seria possível, testemunha o António da Silva e Sousa, “sem moção superior e sem que o dito Servo de Deus tivesse o dom e a discipulação de línguas”<sup>36</sup>. Ele sempre supôs que o dito Servo de Deus era iluminado superiormente. Isto se confirmou no caso referido por Salvador Marcelo de Figueiredo e Silva, de que António da Silva e Sousa tinha conhecimento, em que o Frei Casimiro soube, iluminado superiormente, da hora da morte da Rainha Dona Mariana de Áustria, embora estando na quinta de Salvador Marcelo, bem longe de Belém, local onde ela falecera<sup>37</sup>.

Testemunha ainda que, “estando ele em Beja, chegara a sua casa, logo no ano seguinte ao que o servo de Deus entrou em Portugal, o Padre que tinha vindo por companheiro deste, e lhe contara as opressões que o dito Servo de Deus tinha tido e sofrido do Patrão que o chamara para a fundação, e que, como ele julgava esta frustrada, se retirava para a Polónia para tratar do adiantamento dos seus estudos, e que o dito Servo de Deus, apesar da sua debilidade e idade avançada, ficava, persistindo na mesma fundação, e esperava que por causa dela tinha de padecer maiores trabalhos”<sup>38</sup>.

### **Testemunho de António Joaquim de Oliveira Peres<sup>39</sup>**

Era Cavaleiro fidalgo da Casa de Sua Majestade e Professo na Ordem de Cristo, de mais de 50 anos de idade, residente na rua da Madragoa, freguesia de Santos-o-Velho, Lisboa<sup>40</sup>.

Conheceu muito bem o Frei Casimiro durante o tempo em que ele viveu em Lisboa, tendo ido o mesmo Frei algumas vezes a sua casa. Também ele o visitou muitas vezes no Convento dos Religiosos de S. Pedro de Alcântara, onde o Frei Casimiro viveu alguns meses.

Testemunha que o Frei Casimiro chegou à cidade de Lisboa com outro companheiro para a fundação de um Convento da Ordem da Imaculada Conceição. Tendo “achado grandes dificuldades na tarefa da fundação, o seu companheiro deixou-o. Ele, sem nenhuns recursos, ficou suportando os incómodos e os maus tratos

---

<sup>35</sup> PIM, 291 v e 292 f.

<sup>36</sup> PIM, 292 f.

<sup>37</sup> Cf PIM, 292 v.

<sup>38</sup> PIM, 292 v e 293 f.

<sup>39</sup> Na *Atestação* de Salvador Marcelo é-lhe dado o apelido “Pais”, mas deve ser a mesma pessoa.

<sup>40</sup> Cf PIM, 276 v.

que lhe dava o patrão da casa onde estava alojado. E sendo ele [a testemunha] informado dos maus tratos que sofria, procurou que o Servo de Deus fosse para o Convento dos Religiosos de S. Pedro de Alcântara, onde viveu alguns meses”<sup>41</sup>.

### **Testemunho de Pedro António Branco**

Advogado, bacharel pela Universidade de Coimbra na faculdade de Direito Canónico, natural da cidade de Lisboa e residente na rua Direita de S. Pedro de Alcântara, freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, de 48 anos de idade.

Disse que conheceu e falou muitas vezes com o Frei Casimiro em 1754, na Quinta da Fonte, freguesia de S. Domingos de Rana, que era do seu cunhado Salvador Marcelo de Figueiredo e Silva<sup>42</sup>.

Falando com o seu cunhado e com muitas pessoas que conheciam o Frei Casimiro, constatou que todos tinham o Frei Casimiro “por perfeito religioso, de procedimento exemplar e grandes virtudes”. Desde o tempo em que o conheceu e se relacionou com ele, teve também essa opinião do Frei Casimiro. Por se relacionar com ele, “sabe que o dito Servo de Deus vivia em grau superior e não comum as virtudes da humildade, abstinência, oração e mansidão de espírito”. Sabe ainda que “o dito Padre tinha o Dom do conselho, pois todos os que recorriam a ele aconselhava maduramente e consolava nas suas aflições”<sup>43</sup>.

Sabia também, por ser do conhecimento público e por lho ter dito o referido cunhado, que “o dito Servo de Deus Frei Casimiro passara grandes trabalhos e opressões com certo Eclesiástico que o chamara da Polónia para fazer a fundação da sua religião, na certeza de que havia de conseguir a licença de sua Majestade Fidelíssima para esse fim, mas que, falando-se algumas vezes na presença dele, Pedro António Branco, sobre estes trabalhos, com o dito Servo de Deus, este, rindo-se, procura levar a conversa para a brincadeira, dizendo que o dito Eclesiástico nada lhe tinha feito, e que se lhe fizera alguma coisa muito mais ele merecia”<sup>44</sup>.

### **Testemunho do Padre Domingos Leitão**

Era natural da cidade de Lamego e Capelão de Nossa Senhora de Belém do Rio do Mouro, onde morava, com 42 anos de idade<sup>45</sup>.

Disse que contraíra amizade e conhecimento com o Servo de Deus Frei Casimiro havia pouco mais ou menos 14 ou 15 anos<sup>46</sup>, quando o Frei Casimiro vivia na quinta de Canena que era de Salvador Marcelo, já falecido<sup>47</sup>.

---

<sup>41</sup> *PIM*, 278 v.

<sup>42</sup> Cf *PIM*, 282 v.

<sup>43</sup> *PIM*, 283 f e v.

<sup>44</sup> *Ibid.*, 284 f.

<sup>45</sup> Cf *PIM*, 293 v.

<sup>46</sup> De facto os interrogatórios na diocese de Lisboa, para este processo, foram feitos em 1768. (Cf *PIM*, 268 f, 294 f e v, 279 f, 293 f. O Frei Casimiro esteve em Lisboa no último trimestre de 1753 e nos 2 primeiros trimestres de 1754.

<sup>47</sup> Cf *PIM*, 294 f.

Disse, “por ter presenciado”, que o Frei Casimiro vivia a virtude da humildade em grau superior, a virtude da paciência, sofrendo todas as mortificações infligidas por António de Sousa Salazar e não se queixando de coisa alguma, a virtude da perseverança, ao persistir na fundação da Congregação em Portugal perante tantas dificuldades<sup>48</sup>.

### Testemunho de Bonifácio Antunes

Era fazendeiro e morador na Quinta do Cacém, termo da Vila de Sintra.

Conheceu o Frei Casimiro e conviveu com ele na Quinta da Fonte, situada na freguesia de S. Domingos de Rana, que era de Salvador Marcelo de Figueiredo, onde o Frei Casimiro ficou algumas vezes<sup>49</sup>.

Testemunha que o frei Casimiro “era muito humilde e de génio muito manso”<sup>50</sup>.

### Testemunho do Padre João de S. João Baptista

Era Vice-Presidente da Congregação Mariana da Nossa Senhora de Balsamão, natural da vila de Vimioso, de 43 anos de idade<sup>51</sup>. Foi admitido ao noviciado dos Marianos pelo Frei Casimiro a 13 de Abril de 1755, na Igreja do convento de Balsamão<sup>52</sup>.

Disse que era congregado na Congregação de Balsamão havia 19 anos, e que “para ela viera o Venerável Frei Casimiro de S. José Wyszynski a cinco de Setembro de mil setecentos e cinquenta e quatro, e nela vivera até vinte e um de Outubro de mil setecentos e cinquenta e cinco. Em todo este tempo o conheceu”<sup>53</sup>.

Disse que o Reverendo Venerável, quer durante a sua vida quer depois do seu falecimento, era tido entre os fiéis “por pessoa de virtude e com fama de santidade”. Disse, “por ter presenciado”, que, no tempo em que viveu em Balsamão, o Frei Casimiro “era pessoa de exemplar virtude, e que muitas pessoas desta província transmontana afirmam unanimemente que se têm encomendado a ele nas suas enfermidades e que, por sua intercessão, alcançam de Deus a sua cura. E isto acontece não só nesta freguesia e província, mas também em outras partes mais remotas deste Reino”<sup>54</sup>.

---

<sup>48</sup> Cf PIM, 295 f e v.

<sup>49</sup> Cf PIM, 288 f.

<sup>50</sup> PIM, 289 f.

<sup>51</sup> Cf PIM, 18 f.

<sup>52</sup> MORAIS José Manuel – LEMOS Fernando Andrade, *Convento de Balsamão em 1834*, in *Actas do Congresso histórico. Páginas da história da Diocese de Bragança 1545 – 1995*, Bragança 1997, 245. Não sabemos se o Pe. João e os outros que o Frei Casimiro admitiu com ele ao noviciado chegaram a fazer a profissão religiosa. Atendo-nos ao que se diz sobre eles no *Processo Informativo de Miranda*, - eram da Congregação de N.ª S.ª de Balsamão -, e comparando com o que se diz no mesmo *Processo* sobre O Pe. Rafael de Buffa – religioso professo da Ordem dos Marianos da Imaculada Conceição -, aqueles não chegaram a professar, pelo menos até o tempo em que se fez este *Processo*.

<sup>53</sup> PIM, 19 f.

<sup>54</sup> *Ibid.* .



Disse que ouvira dizer ao Frei Casimiro que o pai fez tudo para o persuadir de não ser religioso, mas que, apesar disso, ele professara na dita religião “pelo especial afecto que tinha ao grande mistério da Imaculada Conceição”<sup>55</sup>.

Afirmou que durante o tempo em que conviveu com o Venerável sempre o vira observar as virtudes católicas e cristãs, especialmente a da mortificação, e a da conformidade com a vontade de Deus. Assistiu pessoalmente à sua agonia e aí observou, mais uma vez, a tal referida conformidade que já antes praticava. Também observou nele a virtude de uma grande humildade e invencível paciência, seja em relação com os congregados seja com as muitas pessoas que ocorriam ao Santuário de Balsamão. Observava estas virtudes em grau heróico, com fervor e muita devoção, para glória de Deus e edificação dos congregados<sup>56</sup>.

Testemunha que, “num dia muito claro, sereno e sem nuvens”, tinha dito que fossem recolher o feno da cerca porque no dia seguinte viria uma grande tempestade que o danificaria e levaria todo. E assim o aconteceu. A enchente foi tal que a água arruinou uma parte da cerca e levou a maior parte do feno<sup>57</sup>.

Desde que o Frei Casimiro viveu em Balsamão, testemunha o Pe. João, “foi sempre muito modesto e amante da castidade”, fazendo aos demais congregados preciosas práticas sobre a observância dessa virtude que observou inteiramente enquanto viveu em Balsamão<sup>58</sup>.

Nos trezes meses em que viveu em Balsamão, o Frei Casimiro aplicava-se sempre à leitura da Sagrada Escritura e às divinas letras, bem como ao louvor e serviço de Deus. Era muito zeloso pelas horas do coro, para as quais convocava com diligência os congregados, e gastava muitas horas da noite em oração. Era muito observante do silêncio, fazendo-o observar também aos congregados, e não falava ou respondia sem muita premeditação. Se ouvia alguma palavra má da boca dos outros, dizia: “**cospe fora**”. Costumava preparar-se sempre para o sacrifício da missa com especial devoção<sup>59</sup>.

O bispo, testemunha também o Pe. João, tinha uma grande consideração pelo Frei Casimiro e recomendava o mesmo aos seus súbitos. Por isso o fez logo Presidente de Balsamão, escrevendo ao Abade de Chacim para que o estimasse.

O Pe. João conta que o Frei Casimiro “era amante da pobreza e vestia sempre o hábito mais velho, e, no dia da Epifania, entregou à comunidade o dinheiro que lhe sobejou da jornada de Lisboa”<sup>60</sup>.

O Pe. João sabia, “por ter visto”, que o Venerável instruía e repreendia os congregados com prudência, caridade e discrição, “ensinando-os com o seu exemplo a praticar os actos da comunidade que ele próprio primeiro observava, como eram: varrer o coro da Igreja, tocar os sinos quando necessário e outros semelhantes actos”<sup>61</sup>.

---

<sup>55</sup> PIM, 19 v.

<sup>56</sup> Cf PIM, 19 v.

<sup>57</sup> Cf PIM, 19 v e 20 f.

<sup>58</sup> PIM, 21 v.

<sup>59</sup> Cf PIM, 21 v e 22 f.

<sup>60</sup> PIM, 22 v.

<sup>61</sup> *Ibid.* .

O Vice-Presidente de Balsamão disse que o Frei Casimiro “era muito temperado no comer e beber, e que não comia senão ao jantar e à ceia e isto com moderação”<sup>62</sup>.

Disse também que sabia, “por ter presenciado”, que o Frei Casimiro “tratava a todos com muita brandura e afabilidade, sem dar sinal de impaciência naquelas coisas que via nos congregados menos bem ordenadas, usando de muita brandura nas repreensões que lhes dava”. E isto fazia também com os irracionais, “pois indo ele para a cerca, viu andar por ali um passarinho e disse: «ainda hás-de ir para a minha cela», com efeito fez, no dia seguinte, uma gaiolazinha que pôs na janela de uma cela. Tendo o passarinho entrado para a gaiola, levou-o para a sua cela, onde o teve solto durante oito dias. Tendo o passarinho sujado um papel que ele estava a escrever, pô-lo fora da cela com brandura, dizendo-lhe que ia de castigo para a sua liberdade por ser distraído”<sup>63</sup>.

“Estando o Venerável com ele, testemunha o Pe. João, sem mais ninguém, no tempo em que ele estava enfermo da doença de que veio a falecer”, o Pe. João disse-lhe “que o lugar de Balsamão lhe era um pouco prejudicial, ao que o Venerável respondeu que nada acontecia sem a permissão de Deus e que era muito bom lugar para exercícios espirituais, pois nele tinha alcançado uma graça especial a que nunca tinha pensado chegar. Porém, não a diria a ninguém para não perder o mérito dela”<sup>64</sup>.

O Pe. João disse que “sabia, por ter presenciado, que muitas pessoas desta província, tendo notícia das excelentes virtudes do Pe. Venerável, o vinham ver a Balsamão, confessando assim que era um insigne varão”<sup>65</sup>.

O Pe. João testemunha que deu muitas vezes assistência ao Frei Casimiro na sua última enfermidade, em que ele se conformava perfeitamente com a vontade de Deus. Esta doença começou no dia de S. Januário e durou 31 dias. Durante esse tempo o Frei Casimiro repetia muitas vezes: “**Seja louvado o nome do Senhor**”, mostrando “muita paciência e louvável modéstia com os congregados que lhe davam assistência”. A modo de viático, foi sacramentado três vezes. Depois de mandar ler uma passagem da *Imitação de Cristo*, ficava-se em divina contemplação. Nas últimas horas da sua vida, pediu os sagrados sacramentos da confissão, comunhão e unção dos doentes e, com grande consolação, disse, depois de os receber: “**«nada mais me falta. Louvado seja Deus»**”, a quem deu o seu espírito, estando em seus perfeitos sentidos”<sup>66</sup>.

O Pe. João conta ainda que, estando ele a dar assistência ao Frei Casimiro, “da uma às três horas da manhã, na noite em que o Venerável faleceu, mais ou menos à hora em que costumava levantar-se para os seus exercícios espirituais”, ouviu “a suave melodia de uma ave que muitas vezes lhe penetrava o peito, reconhecendo que cantava na mesma parte da cela em que o Venerável estava enfermo”, ficando ele muito admirado “a respeito da hora em que tal insólita harmonia de ave que ecoava por toda a cela”. O facto não o participou aos congregados “até que um criado da casa [Bernardo], que andava oficiando o forno nessa mesma noite, disse que tinha ouvido com admiração a mesma suave harmonia, que não se tinha ouvido até então naquele lugar, nem depois do óbito do Venerável se ouviu mais”<sup>67</sup>.

<sup>62</sup> *Ibid.* . O jantar correspondia ao nosso almoço. Ainda hoje, nas aldeias vizinhas de Balsamão, se usa o termo “jantar” para falar do almoço.

<sup>63</sup> *Ibid.* .

<sup>64</sup> *PIM*, 23 f.

<sup>65</sup> *Ibid.* .

<sup>66</sup> *PIM*, 23 v.

<sup>67</sup> *Ibid.* .

O Pe. João disse que sabia, “por ter presenciado”, que o Frei Casimiro “falecera aos vinte e um de Outubro, por volta das três horas da manhã, com muito sossego, tendo cinquenta e cinco anos de idade”<sup>68</sup>. Também, “por ter presenciado”, sabia que “depois de ter morrido o Pe. Venerável, o seu cadáver ficara sem mau cheiro, muito flexível, e , no mesmo dia, fora enterrado com grande mágoa dos congregados, por lhes faltar um tão grande mestre espiritual”<sup>69</sup>.

O mesmo diz que “logo depois da morte do Venerável se divulgara pelos lugares circunvizinhos a fama da sua santidade, dizendo, uns, que em Balsamão morrera um bom religioso, e, outros, que morrera um religioso santo”<sup>70</sup>. Diz também que falando com o Reverendo Abade de Chacim, este lhe tinha dito que “fazia grande conceito da santidade do Venerável” e “acreditava que ainda havia de fazer milagres, e o Abade de Chacim, conclui o Pe. João, era pessoa de bom juízo e profunda compreensão”<sup>71</sup>.

O mesmo refere também que, alguns dias depois da morte do Frei Casimiro “sentiu, algumas vezes, um suave perfume na sua cela”, não sabendo de onde poderia provir<sup>72</sup>.

Refere ainda que acorriam frequentemente ao Santuário de Balsamão várias pessoas de toda a província e de fora para visitar o túmulo do Frei Casimiro: umas, para lhe dar graças por benefícios devidos, oferecendo-lhe esmolas e mortalhas, outras, pedindo-lhe mercês para as suas enfermidades, tirando terra da sua sepultura e pedacinhos da tampa da mesma. “Muitos, diz ele, por intercessão do Venerável, têm conseguido remédios em suas aflições e enfermidades. Ele mesmo, tendo umas feridas nas pernas, já inveteradas, se recomendou com especial devoção ao Venerável, conseguindo de Deus as melhoras, dentro de nove dias, tempo que ele determinou ao fazer o seu pedido. Ele, como Vice-Presidente da Congregação, tem conhecimento das esmolas, missas e outras coisas mais que os devotos, agradecidos, lhe vêm oferecer diariamente, aumentando cada vez mais”<sup>73</sup>.

### **Testemunha do Irmão Frei João de Santa Maria**

Era Procurador da Casa da Congregação de Balsamão, natural de Torre de Moreiras, termo da vila de Chaves, de cerca de 49 anos de idade<sup>74</sup>. Foi admitido ao noviciado dos Marianos pelo Frei Casimiro a 13 de Abril de 1755, na Igreja do Convento de Balsamão<sup>75</sup>.

Conheceu muito bem o Frei Casimiro pelo facto de viver com ele na Casa da Balsamão durante 13 meses.

Ouviu dizer que o Frei Casimiro na sua juventude era devoto da Imaculada Conceição, “e muitas vezes ouviu dizer ao mesmo venerável que a respeito deste

---

<sup>68</sup> PIM 23 v e 24 f.

<sup>69</sup> PIM, 24 f.

<sup>70</sup> *Ibid.* .

<sup>71</sup> *Id.* .

<sup>72</sup> *Id.* .

<sup>73</sup> PIM, 24 v.

<sup>74</sup> Cf PIM, 25 v.

<sup>75</sup> Cf MORAIS – LEMOS, 246.

grande mistério iria até às Índias e às partes mais remotas para divulgar o culto deste mistério e por ele daria a própria vida”<sup>76</sup>.

Testemunha, “por ter presenciado”, durante esses meses, que o Frei Casimiro era dotado de virtudes cristãs exemplares, principalmente da virtude da mortificação, do silêncio, da humildade, da pontualidade e da conformidade da vontade de Deus<sup>77</sup>.

Na opinião do Ir. João, o Pe. Venerável era dotado de dons sobrenaturais. Para comprova-lo, narra vários factos:

1. *Ter tido conhecimento da morte da Rainha*. Trata-se do episódio narrado por Salvador Marcelo de Figueiredo Silva, na sua *Atestação* de 1756, em que o Frei Casimiro teve conhecimento da hora da morte da Rainha Dona Mariana De Áustria, mulher de D. João V, estando ele a 2 léguas de Lisboa, lugar onde a Rainha faleceu.

2. *O anúncio de um filho diferente*. Diz que ouviu ao Capitão António Joaquim de Oliveira Pires<sup>78</sup>, morador em Lisboa, que, tendo-lhe morrido um filho quando o Pe. Venerável se encontrava naquela cidade, o mesmo foi a sua casa encontrando-os a ele e à sua esposa muito sentidos pela perda do filho. Consolou-os, dizendo-lhes: “não tenham pena, porque não convinha que esse filho vivesse, por causar-lhes-ia muito desgosto; e que brevemente teriam outro que lhes daria muita alegria”<sup>79</sup>. O que se verificou dentro de pouco tempo.

3. *A previsão do Terramoto de Lisboa*. O Frei Casimiro, saindo de Lisboa a caminho de Balsamão, no fim de Agosto de 1754, disse: “Lisboa, Lisboa, em breve serás julgada”. No primeiro de Dezembro de 1755, sucedeu o fatal e memorável terramoto. O Ir. João ouviu contar este facto ao companheiro do Frei Casimiro, Pe. Frei João de Deus da Conceição, na Casa da Congregação de Balsamão, onde viveu algum tempo com ele.

4. *Previsão da tempestade em Balsamão*. Estando o tempo bom, testemunha o Frei João, o Venerável mandou recolher o feno, porque no dia seguinte haveria uma grande tempestade que o levaria todo. E assim sucedeu, tendo-se perdido grande parte do feno<sup>80</sup>.

Como o Pe. João, também o Ir. João testemunha, pelo facto de ter presenciado, que o Frei Casimiro era amante da castidade e da modéstia.

“Sabia, por ter visto e presenciado, que o Pe. Venerável em todas as suas acções procurava a honra de Deus e a perfeição religiosa e isto recomendava aos demais religiosos”. “Sabia. Por ter visto, que o Pe. Venerável era muito aplicado às letras divinas, e que antes de falecer lhe dissera que juntasse alguns manuscritos que na sua cela tinha dispersos, que poderia ser que outro continuasse a obra que tinha começada, cujos manuscritos existem em Balsamão”. Era muito dedicado à oração, dormindo só 4 Ou 5 horas por noite e nunca de dia. “Era muito observante da virtude do silêncio”<sup>81</sup>.

Sabia também por ter visto e presenciado que o Frei Casimiro frequentava muito o sacramento da penitência, conservando sempre em si mesmo o Santo Temor

<sup>76</sup> PIM, 27 f.

<sup>77</sup> Cf PIM, 26 f.

<sup>78</sup> No testemunho dado pelo próprio (Cf pág.) é-lhe dado o apelido de “Peres”, mas parece-nos ser a mesma pessoa, embora ele não se refira a este episódio.

<sup>79</sup> PIM, 26 v.

<sup>80</sup> Cf PIM, 26 v 27 f.

<sup>81</sup> Cf PIM, 27 v.

de Deus. Preparava-se demoradamente para a celebração da missa, e que, às vezes, disse ele ao Frei João, “se preparava para celebrar como se fosse para morrer”<sup>82</sup>.

Depois da morte do Frei Casimiro, foi encontrado na algibeira dos calções que ele vestia, um cilício que denotava grande uso<sup>83</sup>.

O Ir. João diz que o Frei Casimiro tinha a virtude da conformação com a vontade de Deus, como testemunhou também o Pe. João de S. João Baptista, e que para isso costumava invocar sempre Nossa Senhora com o seguinte versículo: ***Imaculada Conceição da Virgem Maria seja nosso auxílio e protecção***<sup>84</sup>.

O Ir. João ouviu contar que o Frei Casimiro, no tempo em que viveu em Lisboa, ficou hospedado em casa do Doutor António de Sousa Salazar, onde manifestou muita paciência e espírito de mortificação. Ouviu também contar como Salvador Marcelo de Figueiredo e Silva e António Joaquim Oliveira Pires fizeram todas as diligências junto do Núncio Apostólico para livrarem o Frei Casimiro das impertinências do dito Salazar e para que fosse acolhido no Convento de S. Pedro de Alcântara. Uma vez aí, o Frei Casimiro deu um bom exemplo e compôs em língua latina a vida do Venerável fundador, Padre Estanislau de Jesus Maria. Isto ouviu-o ele dizer aos religiosos do dito Convento e a Salvador Marcelo<sup>85</sup>.

O Ir. João testemunha também que o Frei Casimiro era “amante da pobreza”, que instruía com muita caridade os congregados e os repreendia com suavidade. Era sóbrio no comer e no beber, comendo só ao almoço e á ceia, e isto com moderação, de sorte que o Ir. João, vendo o pouco que comia, lhe perguntou o motivo, ao que ele respondeu: “embora tivesse fome canina, era preciso mortificá-la”<sup>86</sup>.

O mesmo testemunha, por ter presenciado, que “o Pe. Venerável era muito afável para com todos e a ninguém escandalizava com as suas palavras”<sup>87</sup>. Conta de seguida o episódio do passarinho que o Frei Casimiro recolheu numa gaiola e o levou para o quarto.

Também testemunha que, durante a doença, lhe ouvira repetir com frequência: ***seja louvado o nome do Senhor***. E sentindo que estava a dar tanto trabalho aos irmãos dizia: ***“o meu espírito é muito forte”, “o que tenho pena é incomodar-vos”***<sup>88</sup>.

O Pe. Frei Casimiro, no tempo em que esteve em Balsamão, testemunha o Ir. João, praticou as virtudes teológicas e cardeais. Nos últimos dias, “perguntou-lhe se não tinha tentações, ao que o Frei Casimiro respondeu que não, porquanto em vida não lhe dera consentimento e por isso Nossa Senhora o livrava naquele momento delas”<sup>89</sup>. O Ir. João perguntou-lhe ainda “como é que queria que o vestissem no seu enterro, e como é que comunicariam a notícia do seu falecimento à Polónia. Respondeu que lhe vestissem o hábito, pondo o escapulário por fora, a estola e o barrete, e que na tampa da sua sepultura pusessem, na banda de baixo, o seu nome e o ano do seu óbito; e que não era necessário avisar a Polónia, pois bastava que Deus o soubesse e na Polónia se saberia”<sup>90</sup>.

<sup>82</sup> PIM, 28 f.

<sup>83</sup> *Ibid.* .

<sup>84</sup> O original está em latim: *Immaculata Conceptio Virginis Mariae sit nobis salus et protectio*. PIM, 29 f.

<sup>85</sup> Cf PIM, 29f e v.

<sup>86</sup> PIM, 29 v e 30 f.

<sup>87</sup> PIM, 30 f.

<sup>88</sup> PIM, 30 f e v.

<sup>89</sup> PIM, 30 v.

<sup>90</sup> PIM, 31 f.

Foi o irmão que, com outro companheiro, foi dar a notícia da morte do Frei Casimiro ao Senhor Bispo D. Frei João da Cruz. Este, depois de se manifestar muito sentido pelo facto, exortou-os a que perseverassem no bom exemplo e orientação dados pelo Venerável. Foi também ele, como Procurador da casa, que deu a notícia ao pároco de Chacim, Pe. Gaspar da Rocha Pereira. Este, depois de lhe manifestar os seus sentimentos, exortou-os a seguirem a doutrina e o bom exemplo do Venerável. Pois o Abade de Chacim “fazia dele tão bom conceito que esperava que logo na sua morte fizesse algum milagre”<sup>91</sup>.

Também o Ir. João diz que depois da morte do Frei Casimiro, entrando algumas vezes no quarto dele, sentiu um suave perfume que não sabia de onde poderia vir<sup>92</sup>.

### **Testemunho do Padre Frei Manuel Bento de Jesus Maria José**

Era congregado da Congregação Mariana de Balsamão e sacristão da mesma. Era natural de Sambade (Alfândega da Fé) e tinha 58 anos de idade<sup>93</sup>. Foi admitido ao noviciado dos Marianos pelo Frei Casimiro a 13 de Abril de 1755, na Igreja do convento de Balsamão<sup>94</sup>.

Conheceu o Frei Casimiro desde o tempo em que veio de Lisboa para Balsamão.

O Pe. Manuel Bento testemunha que o Frei Casimiro “dormia pouco e orava muito”. “Era muito observante da virtude do silêncio, tanto assim que pôs nas portas interiores da casa uns dísticos com a palavra «*Silentium*», e, se ouvia alguma palavra mal sonante e menos ponderada, logo fazia com as mãos, junto da boca, sinal de que deveria cortar-se a língua que tal palavra pronunciava”<sup>95</sup>.

Também testemunha que o Servo de Deus se preparava para o sacrifício da missa “como se houvesse de morrer”, e por isso a celebrava com grande devoção<sup>96</sup>.

O Pe. Manuel também presenciou o testemunho que o Frei Casimiro dava de pobreza, de paciência e benigna caridade, de humildade, de laboriosidade e de temperança no comer e no beber<sup>97</sup>.

O Pe. Manuel testemunha que “sabia, por ter presenciado, que o Pe. Venerável era tão brando e afável que em certa ocasião ouviu vozes destoadas na cela do Venerável. Indo ele e o Ir. João do Monte Policiano a averiguar à portaria, que estava por debaixo da cela, que vozes eram aquelas, reconheceu que eram as palavras descompostas e altivas do Ir. Pe. Frei João de Deus, congregado que estava nesse tempo em Balsamão. E apesar de ser impróprias de um súbdito para com o seu Superior, o Venerável respondeu-lhe com muita mansidão e brandura, não se escandalizando das palavras com que o dito súbdito mostrava arrependimento de ter vindo para Balsamão na sua companhia. É que o intento do Pe. Frei João de Deus era o de querer governar na mesma Congregação. Noutra ocasião, presenciou o seguinte: cabendo ao dito Frei João de Deus servir à mesa, este, pelo seu ar altivo e falta de religiosa humildade, se escandalizou e recusou por algum tempo o dito ministério.

<sup>91</sup> *Id.* .

<sup>92</sup> *Cf Id.* .

<sup>93</sup> *Cf PIM*, 33 f.

<sup>94</sup> *Cf MORAIS – LEMOS*, 245.

<sup>95</sup> *PIM*, 34 v.

<sup>96</sup> *Id.* .

<sup>97</sup> *Cf PIM*, 36 f.

Vendo o Venerável a sua recusa, disse com muita brandura e suavidade que, se o tal Frei João não servisse, ele mesmo serviria. E esta mesma brandura manifestava para com os irracionais, como sucedeu com a avezinha que tinha numa gaiola por alguns dias na sua cela, e, por ter sujado o seu escrito com excremento, a mandou embora livre e sem castigo<sup>98</sup>.

O Pe. Manuel Bento ouvira dizer ao Frei Casimiro que se ele não fosse numa noite teria ardido a cozinha da casa<sup>99</sup>.

O Pe. Manuel testemunha também que, nos últimos momentos da vida do Venerável, o Pe. João Ribeiro perguntou-lhe se queria que lhe “desse algum ponto espiritual”, ao que o Venerável respondeu: “o demónio nada podia fazer contra um religioso da Imaculada Conceição<sup>100</sup>”.

O mesmo disse que “assistira na cela do Frei Casimiro à sua morte”, “e que pouco antes de falecer, dera a benção a todos os congregados, aos quais, vendo-os sentidos, consolou, dizendo-lhes que ali ficava o seu corpo e que esperava que a sua alma subiria ao céu, donde lhes poderia ser mais útil<sup>101</sup>”.

Testemunha também que de muitas partes da província, vinham pessoas a Balsamão para implorar a intercessão do Frei Casimiro e a agradecerem os benefícios recebidos, dando donativos em dinheiro, em grão, cera e mortalhas, querendo levar também terra do túmulo e pedacinhos da tampa da sepultura, como relíquias<sup>102</sup>. Como sacristão que era, afirma ter recolhido para a casa vários donativos que os devotos do Frei Casimiro deixavam<sup>103</sup>.

### Testemunho do Frei João do Monte Policiano

Era congregado da Congregação Mariana de Balsamão e secretário da mesma. Era natural de Penas Juntas (Bragança) e tinha 49 anos de idade. Pediu o hábito dos Marianos, que lhe foi concedido pelo Frei Casimiro no dia 27 de Agosto de 1755<sup>104</sup>.

Conheceu o Frei Casimiro durante o tempo em que ele viveu em Balsamão. Na opinião dele, o Frei Casimiro tinha o dom da profecia. Para prová-lo, conta o facto de ter tido conhecimento da morte da Rainha D. Mariana de Áustria e de ter previsto a tempestade em Balsamão<sup>105</sup>.

Sabia, por ter visto, que o Frei Casimiro era perfeito na virtude do silêncio, na humildade, na paciência, na modéstia, na castidade e no espírito de mortificação<sup>106</sup>. Era aplicado ao estudo das divinas letras e estava a escrever um livro “cujo manuscrito se há-de encontrar na Casa de Balsamão<sup>107</sup>”.

---

<sup>98</sup> PIM, 36 f e v.

<sup>99</sup> Cf PIM, 36 v.

<sup>100</sup> PIM, 37 f.

<sup>101</sup> Id. .

<sup>102</sup> Cf PIM, 37 v.

<sup>103</sup> Cf PIM, 33 v.

<sup>104</sup> Cf MORASI – LEMOS, 247.

<sup>105</sup> Cf PIM, 39 v.

<sup>106</sup> Cf *Ibid.* 39 v e 40 f.

<sup>107</sup> PIM, 40 f.

O Frei Casimiro “era muito caritativo para com os pobres, e o mesmo recomendava aos demais congregados”<sup>108</sup>.

Se algum ocupava o lugar central do coro, fazia-o ir para um ou outro lado, dizendo que o lugar do meio “estava reservado para Maria Santíssima”. O Frei Policiano testemunha também a grande preparação que o Frei Casimiro fazia para o Santo Sacrifício da Missa. Um dia, o Abade de Talhinhas assistiu à missa do Frei Casimiro e, vendo a perfeição com que ele a dizia, disse que “o Venerável era um santo e que a Congregação não sabia o grande homem que tinha”<sup>109</sup>.

O Frei João do Monte Policiano testemunha que o Frei Casimiro, tendo chegado a Lisboa ficara hospedado em casa do Pe. Dr. Salazar. Este, depois da sua morte, disse ao Ir. Policiano que “tinha feito muitas injúrias, opróbrios e vexames ao Pe. Venerável, só a fim de provar a sua virtude. [...]. E tantos foram os opróbrios e as injúrias que o dito Pe. Salazar fazia ao Pe. Venerável, que o seu companheiro, antes de regressar para a Polónia, lhe disse: «saíamos desta casa porque este homem parece um judeu». E o Pe. Venerável, com muita submissão e humildade, respondeu: «soframos com paciência». Quando o Pe. Salazar ia almoçar ou cear, chamava o Venerável para a mesa, e, estando este já sentado dizia-lhe que se levantasse, mandando-o, depois, novamente sentar; e depois de sentado, dizia ao Venerável que era um soberbo, e sem virtude alguma vinha fundar neste Reino a sua Religião, mandando-o imediatamente levantar, por de joelhos e beijar a terra, e que se pusesse novamente à mesa. A tudo o Venerável obedecia como se o Pe. Salazar fosse o seu superior. Isto ouviu-o ele contar ao próprio Pe. Salazar, a quem o Pe. Venerável, estando já em Balsamão, louvava muitas vezes, tratando-o sempre por seu benfeitor, apesar das afrontas e injúrias que dele tinha recebido. Razão porque o mesmo Pe. Salazar lhe disse a ele, quando lhe deu a morte da notícia ao Pe. Venerável, que lhe fizera várias provas e que era um homem de muita virtude”<sup>110</sup>.

O Frei Policiano testemunha também que o Frei Casimiro, com a ajuda de alguns amigos e benfeitores e por ordem do Núncio Apostólico, fora removido da casa do Pe. Salazar para o Convento de S. Pedro de Alcântara, da mesma cidade Lisboa, e que durante o tempo em que aí viveu, deixou os religiosos daquele Convento edificados pela sua vida exemplar<sup>111</sup>.

O Frei Policiano diz que ele vivia na Congregação de Balsamão havia mais de 30 anos, e sabia, por ter visto e presenciado, que outras congregações, como foram a dos Capuchinhos da Província da Conceição, a da Terceira Ordem da Penitência, a da Missão de S. Vicente de Paulo e a de S. Camilo de Lelis, tentaram estabelecer-se na casa de Balsamão e nunca o conseguiram, por haver sempre dificuldades seja da parte dos eremitas da Congregação de Balsamão, seja das mesmas congregações que ali queriam estabelecer-se e incorporar assim os ditos eremitas, ou ainda da parte do Senhor Bispo. E tendo o Senhor Bispo D. João da Cruz recebido uma carta de Lisboa do Pe. José de Oliveira, da Companhia de Jesus, pedindo-lhe que admitisse em Balsamão o Frei Casimiro, o Senhor Bispo respondeu positivamente. Este, logo que o viu e falou com ele sobre o seu Instituto Mariano, “formou dele um grande conceito de virtude e santidade, e tendo morrido o Superior dos Eremitas de Balsamão, Pe. Jerónimo da

<sup>108</sup> *Id.* .

<sup>109</sup> *PIM*, 40 v.

<sup>110</sup> *PIM*, 41 f.

<sup>111</sup> *Cf Ibid.* .



Trindade, na visita que o Frei Casimiro fez ao Senhor Bispo em Bragança, este nomeou-o logo Superior de Balsamão, dando ordens para que todos os eremitas vestissem o hábito mariano<sup>112</sup>.

Além do que já foi dito sobre a sobriedade do Frei Casimiro no comer e no beber, o Frei Policiano acrescenta que ele “era muito parco em beber vinho”, aconselhando esta sua parcimónia aos congregados, dizendo que “o vinho era oposto à castidade”<sup>113</sup>.

O Frei Policiano testemunha que “o Venerável era tão brando e afável que não só não ofendia pessoa alguma”, mas respondia com brandura e afabilidade às ofensas. Para ilustrar este procedimento do Frei Casimiro, conta o que ele e o Pe. Manuel Bento presenciaram: ouvindo ele e o Pe. Manuel Bento umas vozes destoadas, em certa ocasião, na cela do Frei Casimiro, foram ambos para a portaria que ficava debaixo da mesma cela, para saberem que vozes eram aquelas, e certificaram-se que eram do Pe. João de Deus da Conceição que tinha vindo com o Frei Casimiro para Balsamão. O Pe. João de Deus injuriava o Frei Casimiro, batendo o pé com grande força e dando outros sinais da sua ira e descomedimento. A tudo isto o Frei Casimiro respondia com muita mansidão e brandura sem que se desse por ofendido. Ambos, o Frei Policiano e o Pe. Manuel, ouviram tudo distintamente por terem só o sobrado a separá-los da cena<sup>114</sup>.

O Frei Policiano conta também o seguinte episódio: “estando, em certa ocasião, com o Pe. Venerável na pequena cerca que está junto da casa, e vendo aí um passarinho, que lhe parecia um porco pisco, o Venerável lhe dissera: **«Escutai, o nosso passarinho canta bem»**<sup>115</sup>, ao que lhe respondeu: «Como é que é nosso se ele está em liberdade?». O Venerável replicou: **«É o nosso passarinho»**<sup>116</sup>. E passados alguns dias viu-o a fazer uma pequena gaiola de canas de junco, e, dentro de poucas horas, veio à cozinha e disse: **«O nosso passarinho está em nossa casa»**<sup>117</sup>. Alguns congregados foram certificar-se e viram o dito passarinho na gaiola. E ele [Frei Policiano] sabia, por ter visto, que o conservou alguns dias solto na cela, com empanada na janela; e que por lhe sujar um papel em que tinha escrito palavras sagradas, o deitara fora num dia frio, dizendo que era como penitência do seu delito”<sup>118</sup>.

<sup>112</sup> Cf *Ibid.* 42 f e v.

<sup>113</sup> *Ibid.*, 42 v.

<sup>114</sup> Cf *Ibid.*, 42 v e 43 f.

<sup>115</sup> O original exprime bem as palavras do Frei Casimiro, numa mistura de italiano com português: *Atendite, nostro passaro canta bem.*

<sup>116</sup> Original: *Ser nostro passaro.*

<sup>117</sup> Original: *Nostro passaro está em nossa casa.*

<sup>118</sup> *PIM*, 43 f.

O povo dor arredores de Balsamão, nomeadamente o povo do Lombo, conta três milagres que o Frei Casimiro fez em vida. Um deles tem a ver com a relação do Frei Casimiro com os passarinhos. É contado pelo povo da seguinte maneira: “Os frades não gostavam do Frei Casimiro. Por isso mandavam-no para a quinta a fim de guardar o cereal, para que os pássaros não o comessem. À hora do almoço, aparecia o Frei Casimiro para comer. Os outros diziam: «Olha como ele não se esquece de comer! Comilão!» Entretanto, diz o povo, o Frei Casimiro fazia umas cancelas de gamão onde encerrava os pássaros, para não irem ao pão, enquanto ele vinha comer”.

O povo da Paradinha conta este episódio em verso: “Ó Frei comilão,  
Olha que os pássaros vão ao pão!”  
Ao que ele respondia:  
“Não vão não,  
Porque estão encerrados numas cancelas  
de gamão!”

O mesmo testemunha que o Frei Casimiro se levantava muito cedo, pois tendo ido ele uma vez, à uma da manhã, pedir-lhe a benção para sair, já o encontrou levantado. O mesmo sucedia aos demais congregados quando o procuravam. O Frei Casimiro tocava o sino para as horas do coro e batia de manhã às portas das celas, para que os congregados se levantassem e fossem para a oração<sup>119</sup>.

O Frei Policiano diz que sabia, “por ter presenciado”, que, saindo ele do coro um dia em que se tinha acabado de cantar uma missa pela alma do Venerável Frei Casimiro, e passando diante da porta da cela onde ele faleceu, se apercebera de um suave perfume de frente à mesma cela. Do mesmo perfume se aperceberam também o Pe. João de S. João Baptista e outros mais que saíam do coro com ele. Entrando todos na cela, notaram um perfume tão veemente e suave que ele nunca experimentou perfume tão agradável, e não encontraram de onde procedesse tal perfume. E este perfume manteve-se na cela durante algum tempo. Participando nas Novenas de Imagem Milagrosa do Santo Cristo, da Igreja de S. Cristóvão, provavelmente de Malta, na Igreja de Balsamão, muitas pessoas diziam sentir um suave perfume que saía da sepultura do Frei Casimiro, cujo perfume também ele sentiu<sup>120</sup>.

O Frei Policiano, depois de testemunhar também a afluência de pessoas a pedirem a intercessão do Frei Casimiro, os donativos que deixavam e a terra e os pedacinhos da tampa da sepultura que levavam como relíquias e que tapou por mandato do Superior essa abertura que o povo tinha feito, para evitar esse abuso, conta um facto pessoal em que ele experimentou a ajuda do Frei Casimiro: estando ele em Limões, no princípio de Julho, sentiu de repente, sem saber a causa, uma dor de olhos tão intensa que receava que os olhos rebentassem. E tendo sofrido por três horas essa dor, lembrou-se do Venerável Frei Casimiro e recorreu a Deus com a seguinte prece: “Senhor, pelos merecimentos do vosso Servo Casimiro, dai-me saúde se me convém”. Imediatamente ficou livre de tal dor, sem nunca mais ter algum vestígio ou repetição. O Frei Policiano, venerando já antes o Frei Casimiro como santo, ao receber este benefício da mão de Deus, formou maior conceito da sua santidade<sup>121</sup>.

### Testemunho de Bernardo Fernandes

Disse que, “tendo chegado da cidade de Bragança o Venerável Frei Casimiro, nomeado pelo Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Dom Frei João da Cruz para Superior do Hospício de Balsamão, dali a poucos dias fora ele servir no dito Hospício como criado dele e ali conheceu muito bem o Venerável Frei Casimiro, que como Superior lhe mandava fazer o que era necessário e que em tudo obedecesse ao Vice-Presidente”<sup>122</sup>.

---

Como se pode depreender, a partir daquela relação franciscana do Frei Casimiro com os passarinhos, testemunhada pelos que o conheceram de perto, o povo criou outra narração, transferindo para Balsamão, os maus tratos que o Frei Casimiro recebeu em Lisboa da parte do Pe. Salazar, particularmente, como testemunha Frei Policiano, à hora do comer.

<sup>119</sup> Cf *Ibid.*, 43 v.

<sup>120</sup> Cf *Ibid.*, 44 f.

<sup>121</sup> Cf *PIM*, 44 v.

<sup>122</sup> *PIM*, 62 f e v.

“Tinha especial afecto ao Venerável pela boa doutrina que a todos aos da casa dava, tanto com a sua palavra como com o seu exemplo de virtude”. “Tinha ouvido dizer a várias pessoas que, tanto durante a sua vida como depois da morte do Pe. Venerável, este era, na opinião deles, um homem santo e virtuoso”<sup>123</sup>.

Depois de ter saído do Hospício de Balsamão, têm andado por vários lugares deste bispado e província aonde têm ouvido falar muito da santidade do Pe. Venerável a várias pessoas que o tinham invocado em suas enfermidades e que por sua intercessão ficaram livres<sup>124</sup>.

O Bernardo Fernandes sabia, por ter visto e presenciado, que Pe. Venerável incitava com grande zelo os mais congregados a todos os actos da sua Regra, assistindo a eles sempre com grande dedicação, mostrando grande afecto e fervor no serviço de Deus. Instruía os criados nos exercícios espirituais e fazia-os participar neles nas horas em que estavam livres do seu trabalho.

“Era muito caritativo não só com os demais congregados, mas também com os criados da casa e as pessoas de fora, tratando a todos com muita brandura e afabilidade”<sup>125</sup>.

Bernardo Fernandes testemunha também que, “estando ele a peneirar para amassar e cozer um pouco de pão, na mesma noite do falecimento do Venerável, ouviu, por cerca do espaço de três horas, depois da ceia e de se ter tocado a silêncio no Hospício, uma voz suave e alegre, que lhe parecia ser de uma ave, que tinha grande eco, e lhe parecia dizer no seu canto: «*abava, abava, abava*», sempre no círculo do Hospício sendo acompanhado por um vento forte. Tendo cessado, ao mesmo tempo, o vento e o cântico da ave, o Procurador da casa fora-lhe dizer: «já lá vai o nosso amparo», dando-lhe a notícia de que o Venerável tinha falecido”<sup>126</sup>.

O mesmo testemunha que, pela manhã, depois da noite da morte do Frei Casimiro, fizera a barba ao cadáver do Venerável e que este não exalava qualquer mau cheiro. Diz também que todos os congregados e criados da casa ficaram muito sentidos pela sua morte e que ele guardou para si como sua relíquia alguns pêlos da barba do Venerável, por o considerar um homem virtuoso e santo. Afirma também que, depois da morte do Venerável, se divulgou a fama da sua santidade<sup>127</sup>.

O Bernardo Fernandes testemunha que, depois da morte do Venerável, entrou na cela dele e aí notara um perfume suave para o qual não encontrava explicação. Esse mesmo perfume o notara também na portaria principal do Hospício que fica por baixo da mesma cela<sup>128</sup>.

O mesmo “sabia, por ver, que muitas pessoas vinham em romaria ao Santuário de Balsamão e deitavam dinheiro sobre a tábua do sepulcro do Venerável, traziam ofertas e outras coisas, e ainda presentemente faziam o mesmo, por ser muito divulgada a sua santidade nesta província”<sup>129</sup>.

O Bernardo Fernandes testemunha ainda o seguinte: “estando com o Venerável ao pé do Rio Azibo e querendo passar para a outra margem, disse-lhe que o passaria aos seus ombros para que não se molhasse ou caísse, dizendo-lhe isto mais duas vezes,

<sup>123</sup> *Ibid.*, 62 v.

<sup>124</sup> Cf *Ibid.*.

<sup>125</sup> *PIM*, 62 v e 63 f.

<sup>126</sup> *Ibid.* 64 f e v.

<sup>127</sup> Cf *Ibid.* 64 v.

<sup>128</sup> Cf *Ibid.* 64 v e 65 f.

<sup>129</sup> *PIM*, 65 f.

o que o Venerável não aceitou. Vendo ele por onde melhor poderia passar, por ser fragoso o sítio, não se apercebeu como passara o Venerável. Naquele mesmo sítio por onde passou corria a água na altura de um côvado, pouco mais ou menos. Para passar para o outro lado a salto viu ele que era difícil sem se molhar ou cair, porque da pedra onde estava o Venerável a uma ponta de fraga, que era de espaço tão pequeno que mal se poderia assentar o pé, para passar à terra seca, havia sete ou oito palmos, pouco mais ou menos, de distância. Assim que ele viu o Venerável na outra margem do rio, reparou bem se tinha os sapatos molhados ou alguma parte do hábito, porque lhe parecia quase impossível que o Venerável passasse sem se molhar ou cair, e viu que nada tinha molhado, nem sapatos nem hábito, o que lhe causara admiração, reconhecendo ele bem o lugar e a distância. Com esta mesma admiração contou o episódio referido aos congregados no Hospício”<sup>130</sup>.

### Testemunho de João Pedro Xavier de Sousa

Disse que “conhecera muito bem o Pe. Venerável, pois indo este de Balsamão a Bragança visitar o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo D. Fr. João da Cruz, na companhia do Pe. Jerónimo da Trindade, que então era o Presidente de Balsamão, tendo este ficado gravemente doente de uma enfermidade de que veio a falecer, demorou-se algum tempo o Venerável na mesma cidade, já que o outro companheiro, chamado Frei João de Deus, adoecera também e ficara em casa de João Pedro, sendo visitado todos os dias, de manhã e de tarde, pelo Venerável. Por isso, testemunha João Pedro, falou muitas vezes com ele e foi também visitá-lo duas vezes com a sua família ao Hospício de Balsamão, onde conversou com o Venerável e de cuja mão recebeu os Bentinhos da Imaculada Conceição”<sup>131</sup>.

João Pedro testemunha também que o Senhor Bispo, “pelo grande conceito que fazia do Pe. Venerável, o nomeara logo para Superior do mesmo Hospício, que ele recusara aceitar no que se referia à administração dos bens temporais, mas que só aceitara no que se referia à orientação espiritual”<sup>132</sup>.

“Na primeira vez que ele fora a Balsamão com a sua família vira o Pe. Venerável com um hábito velho e roto em algumas partes, pelo que mostrava ser amante da pobreza própria, mas não só, porque, estando o Venerável em casa dele na cidade de

<sup>130</sup> *PIM*, 63 v e 64 f.

Outro milagre contado pelo povo do Lombo, que o Frei Casimiro fez em vida, está relacionado com este episódio contado por Bernardo Fernandes.

Assim conta o povo:

“Os frades iam pregar para Morais e outras aldeias vizinhas. Entretanto, o Frei Casimiro atrasou-se, os outros frades iam já perto da ponte quando viram o Frei Casimiro a descer a direito, pelo monte abaixo, e diziam-lhe: «Ó louco, por onde é que tu vais, o caminho é por aqui! Por aí não podes passar». O Frei Casimiro seguiu o seu caminho e chegando ao rio estendeu o manto sobre as águas e assim passou o rio»”.

Mais uma vez se vê aqui um arranjo do povo a partir daquele episódio contado por Bernardo Fernandes, manifestando também um certo mau trato dado ao Frei Casimiro por parte dos outros frades, e aproximando a narração do episódio da Passagem do Rio Jordão por parte de Elias, como se lê em 2 Re 2,8: “Então Elias tomou o manto, enrolou-o e bateu com ele na água. A água dividiu-se em duas partes, de tal modo que os dois [Elias e Eliseu] passaram o rio sem molharem os pés”.

<sup>131</sup> *Ibid.*, 67 f e v.

<sup>132</sup> *Ibid.*, 68 f.

Bragança no tempo em que faleceu o Presidente de Balsamão, Pe. Jerónimo da Trindade, e depois, dissera o Ir. Frei João de Deus ao Venerável: «Padre, vamos para Balsamão; pois diz-se que há dinheiros naquela casa e é preciso tomar conta dela», o que disse com palavras impetuosas e desabridas, ao que o Venerável respondera, com muita humildade: **«eu não vim buscar a bolsa de Mateus, vim buscar a Mateus e instruir os congregados na Regra da Imaculada Conceição»**. Estas palavras ouviu-as ele, João Pedro, à sua mulher, D. Maria Inácia, e ao próprio Frei João de Deus, que mostrava grande pesar por ele não ter aceitado a administração temporal dos bens do Hospício”<sup>133</sup>.

João Pedro testemunha também que ele teve, havia sete ou oito anos, “um grande temor ou inchaço no pescoço, do lado esquerdo, do tamanho de um ovo de galinha, tal sorte que não podia apertar a gravata. Isto durou mais de um ano, mas sem dor alguma. Vendo que certo medicamento que ele tinha aplicado não produzia efeito, consultou o Dr. Médico Silvestre de Sá Pereira, e os cirurgiões Amaro José da Veiga e Manuel Pires de Macedo, assistentes na cidade de Bragança, a respeito do dito temor. Todos disseram que a dito temor era a *Alporca* ou *Serophola* e unanimemente disseram que o pior sinal de tal queixa era não sentir dor e que por isso era mais perigosa e que, correndo tudo bem, havia de durar seis meses a sua cura, pelo que lhe receitaram logo o primeiro remédio purgante, para tomar no dia seguinte, que era uma sexta-feira. Ouvindo isto, a mulher dele disse ao mesmo médico e cirurgiões que se suspendesse a cura até à segunda-feira seguinte, porquanto ela tinha prometido uma cabeça de cera ao Venerável Pe. Frei Casimiro, nesse mesmo dia, para que a sua intercessão o livrasse da sobredita queixa. Se o não livrasse durante esses três dias, tratar-se-ia da sua cura. Isto foi dito na presença do médico e cirurgiões numa quinta-feira à tarde, tendo ele ficado totalmente livre do dito temor logo ao outro dia, sem lhe fazer qualquer tratamento. Dele não lhe ficou qualquer lesão ou sinal. Para agradecer este benefício veio logo ele e a sua família dar graças a Deus ao Hospício de Balsamão, trazendo a oferta da cabeça de cera que tinha prometido ao Venerável, a quem ele e a sua família desde então até ao presente costuma recorrer em qualquer enfermidade por mais leve que seja.

“Este milagre foi tão notório na mesma cidade de Bragança que o mesmo médico e cirurgiões, peritos neste campo, o divulgavam, recomendando a vários enfermos que recorressem à intercessão do Venerável. Depois disto, tem ouvido a várias pessoas, na cidade de Bragança e em outras partes, que se têm valido da protecção do Venerável e conseguido alívio nas suas queixas, de tal maneira que cada dia vai crescendo mais a fama da sua santidade”<sup>134</sup>.

### **Testemunho do Pe. José António da Rocha**

Era natural de Peredo e pároco, desde há 26 anos, da freguesia do Espírito Santo do Lombo, na altura, termo da Vila de Castro Vicente e filial da Abadia da Vila de Chacim, de cerca de 56 anos de idade<sup>135</sup>.

<sup>133</sup> *Ibid.*, 68 f e v.

<sup>134</sup> *PIM*, 68 v e 69 f.

<sup>135</sup> Cf *Ibid.*, 71 f.

Testemunha que, logo que o Pe. Venerável Frei Casimiro viera para o Hospício de Balsamão, o fora visitar, e, como a sua freguesia é tão perto de Balsamão, outras vezes ia ao mesmo Hospício, onde falava muitas vezes com o Venerável.

Sabia e tinha ouvido dizer a pessoas fidedignas que “ o Venerável, tanto durante a sua vida como depois da sua morte, era tido por homem justo e de grande virtude, e este mesmo conceito fazia ele do Venerável, pelo facto de o conhecer na sua conversação por humilde, modesto, prudente e afável, cujo conceito fez ainda maior depois da sua morte, pois logo se começou a divulgar a fama da sua santidade na freguesia dele, nesta Vila de Chacim e ainda neste Bispado e em partes do Arcebispado de Braga”<sup>136</sup>.

Testemunhou que fora visitar o Venerável Frei Casimiro dois dias antes do seu falecimento e o achou “muito conforme e sofrido na sua enfermidade”. Tanto assim que dizendo ele um texto da Sagrada Escritura para a conformidade com Deus e paciência no sofrimento, apesar de o ver muito sossegado exterior e interiormente, lhe respondeu o Frei Casimiro: “**faça o favor de abrir esse livrinho que está ali** [tratava-se da *Imitação de Cristo*] **e aí o achará registado**”. “Sinal evidente, conclui o Pe. José Rocha, de que o Venerável o tinha visto antes e de que não necessitava da sua advertência”<sup>137</sup>.

O Pe. José Rocha testemunha que “fora assistir ao enterro do Venerável e que o cadáver não só não cheirava mal, mas lhe parecia a ele que mostrava no rosto aparências de estar vivo, e que ele fora um dos que o meteram na sepultura e notou logo que, sendo o Venerável de proporcionada estatura, lhe pesara muito pouco. Testemunha também que sabia, por ter visto, que a sua morte fora mui sentida não só pelos congregados mas também por muitas outras pessoas de fora”<sup>138</sup>.

Passado pouco tempo depois da morte do Frei Casimiro, ouviu dizer publicamente a várias pessoas que “morrera um homem santo em Balsamão”, referindo-se ao Frei Casimiro<sup>139</sup>.

O Pe. José Rocha disse que, tendo ido visitar, a Chacim, o Abade Gaspar da Rocha Ferreira, poucos dias depois do falecimento do Frei Casimiro, o mesmo Abade lhe dissera as seguintes palavras: “Eu tinha para mim que se não dava à terra sem que primeiro fizesse algum milagre”, “tanto era o conceito, concluiu o pároco do Lombo, que o dito Reverendo Abade, que era pessoa de bom juízo, fazia da virtude do Venerável”<sup>140</sup>.

O Pe. José da Rocha conta ainda que uma sua paroquiana, chamada Teresa de Sá, tinha um “unheiro” num olho, que lhe doía muito. O Frei Casimiro tinha morrido havia pouco tempo e a sua filha Maria Borges, “saindo de casa e avistando o Santuário de Balsamão, lembrou-se de recomendar a dita moléstia de sua mãe ao Venerável, fazendo-lhe a sua oferta, se melhorasse. Recolhendo-se para casa, depois de cerca de meia hora, lhe dissera a mãe enferma: «Sabes, filha, já estou boa». Com efeito, assim era na realidade, o que se atribuiu logo ser um milagre do Venerável”<sup>141</sup>.

Disse ainda que sabia, por ter visto, que uma sua paroquiana – Luísa, mulher de António José – foi ter com ele à Igreja para que a confessasse pois pressentia que

---

<sup>136</sup> PIM, 71 v e 72 f.

<sup>137</sup> *Ibid.*, 73 f.

<sup>138</sup> *Id.* .

<sup>139</sup> *Ibid.*, 73 v.

<sup>140</sup> *Id.* .

<sup>141</sup> *Id.* .

morreria em breve, porque tinha um temorzinho num braço e outro numa perna, que ele chamava “canceres”, sendo o do braço, que ele viu, do tamanho de uma azeitona e do feitio de uma coroa de romã – por isso é chamado em latim *malum granatum*. Confessando-a ele nas vésperas da Páscoa, passados os dias da Festa, foi ela pedir ao irmão, chamado José Borges, que estava a trabalhar na sua profissão de alfaiate em casa do pároco, um vintém, para levar ao Frei Casimiro como oferta pelo benefício que lhe fizera em livrá-la daqueles temores de que ela muito receava. O Pe. José da Rocha viu o braço e o pé completamente sarados, tendo-se atribuído o milagre ao Venerável Frei Casimiro<sup>142</sup>.

O Pe. José afirmou ainda que via muitas pessoas a visitar com frequência o sepulcro do Frei Casimiro, e tinha ouvido dizer a várias pessoas que, por intercessão do Venerável, Deus tem feito muitos prodígios e milagres a respeito de várias enfermidades, pelo que são contínuas as ofertas que levam ao Hospício<sup>143</sup>.

### Testemunho de José Borges

Era natural do Lombo, viúvo e lavrador, com cerca de 50 anos de idade. Era pai da Luísa que tinha os temores e que foi curada por intercessão do Frei Casimiro.

Disse que conhecera o Venerável Frei Casimiro no tempo em que residiu em Balsamão e que falara com ele duas vezes.

Na morte do Frei Casimiro ouvira dizer a muitos fiéis que era “homem virtuoso e com fama de santidade”<sup>144</sup>.

Conta como a sua filha, Luísa Maria, nascendo-lhe um temor “ao pé do pulso da mão direita e outro no pé direito ao pé do tornozelo”, e o barbeiro, que no lugar do Lombo costumava curar várias enfermidades, lhe ter dito que eram dois “canceres”, e em como ela para se preparar para a morte se tinha ido confessar ao pároco e prometera “um vintém de esmola ao Frei Casimiro se a livrasse desta queixa”, e em como dentro de “três ou quatro dias melhorou, de tal sorte que nem o temor do pulso nem o do pé se viram mais, estando inteiramente curados, sem deixarem sinal algum nem dor”, atribuindo o milagre à intercessão do Frei Casimiro<sup>145</sup>.

### Testemunho de José Borges, filho

Era natural do Lombo, irmão de Luísa Maria, solteiro e soldado infante da Companhia do Sargento do Segundo Regimento da Praça de Bragança e assistente no Presídio na Praça de Chaves, de 24 anos de idade.

Conheceu o Frei Casimiro no Hospício de Balsamão, onde o viu, mas não conversou com ele<sup>146</sup>.

O relato que ele faz sobre os temores no pulso e no pé da irmã coincide com o relato feito pelo pai. Acrescenta apenas aquilo que o Pe. José da Rocha tinha dito

<sup>142</sup> PIM, 74 f.

<sup>143</sup> Cf *Ibid.*, 74 f e v.

<sup>144</sup> *Ibid.*, 77 f.

<sup>145</sup> *Ibid.*, 77 f e v.

<sup>146</sup> PIM, 78 v e 79 f.

sobre ele, a saber: que, “estando ele a coser como alfaiate, cujo ofício então exercitava em casa do dito Revendo pároco, ali foi a dita sua irmã pedir um vintém para cumprir a promessa que tinha feito ao Venerável Padre, em gratificação pelo benefício recebido”<sup>147</sup>.

### **Testemunho de D. Mariana Josefa de Escovar**

Era natural da Vila de Chacim e moradora na Vila de Vila Franca, onde vivia com o seu marido, Dr. Marcelino Eugênio Garcia, com cerca de 50 anos de idade.

Disse que, vindo o Venerável Frei Casimiro da cidade de Bragança de visitar o Senhor Bispo, se recolhera em sua casa e nessa ocasião o conheceu e falou com ele<sup>148</sup>.

Conta ela o seguinte episódio: estando o Pe. Venerável em casa dela, sucedeu estar ao mesmo tempo uma senhora (Maria Gomes) em cima de um olmo muito alto a ripar folha, a pouca distância da casa dela, tendo o saco cheio e atado à cintura. Quebrando-se o ramo em que estava apoiada, ficou pendurada, segurando-se com as mãos numa vergôntea do mesmo olmo. A senhora Mariana, vendo o perigo em que ela estava, foi pedir ao Frei Casimiro “que a responsasse”, ao que o Frei Casimiro respondeu “que sossegasse”, o que repetiu por duas vezes. E como o idioma do Frei Casimiro era tão diferente do deste Reino, o companheiro dele – que seria o Frei João de Deus – disse à senhora Mariana que não temesse pela mulher porque o Venerável era um Servo de Deus. Entretanto, a senhora Mariana chamou o criado que, com a ajuda de outras pessoas, acudiu à mulher que esteve suspensa por cerca de meia hora. Tendo-a posto em segurança noutra ramo do olmo e descido para o chão, a senhora subiu outra vez ainda mais alto para ripar outro saco de folha. Vendo isto, o Pe. Frei Casimiro disse que “era temeridade expor-se a outro perigo”. Dali a um ano subiu a outro olmo donde caiu e morreu dentro de dois dias. A D. Mariana, tendo perguntado à dita mulher, na noite daquele dia em que esteve suspensa do olmo, se sentia algum mal, respondeu-lhe que não. Na opinião da D. Mariana, só por milagre ficou a dita mulher a salvo, por ser mulher de 50 anos de idade, corpulenta e ter o saco atado à cinta quase cheio de folha. O peso era tal que, atendendo ao tempo em que esteve pendente, não poderia aguentar<sup>149</sup>.

### **Testemunho de Manuel Inácio**

Era criado de D. Maria Josefa Escovar.

A respeito do episódio referido acima, disse que a dita senhora ficou “suspensa no ar com ambas as mãos pegadas a um ramo do mesmo olmo da espessura de um pulso de homem”. Disse ainda que a dita senhora, Maria Gomes, esteve suspensa por cerca de um quarto de hora. Também a ele lhe parecia que, “sem milagre, não podia a dita Maria Gomes estar pendurada tanto tempo sem cair do olmo”<sup>150</sup>.

<sup>147</sup> *Ibid.*, 79 f.

<sup>148</sup> *Ibid.*, 81 v e 82 f.

<sup>149</sup> Cf *Ibid.*, 82 f e v.

<sup>150</sup> *PIM*, 84 v.

O terceiro milagre que o povo do Lombo atribui ao Frei Casimiro, ainda em vida, parece inspirar-se neste caso contado por D. Mariana e confirmado pelo seu criado, Manuel Inácio.



### Testemunho de Mateus Nunes

Era natural de Chacim, de 60 anos idade e viúvo.

Conhecia o Frei Casimiro e com ele falara algumas vezes.

Ouvira dizer em Chacim a muitas pessoas que o Frei Casimiro era homem de muita virtude e santidade.

Conta que o seu filho, André, tendo cerca de três anos, padecia de “acidentes de gota coral, espumando muito pela boca e caindo por terra por um espaço de cerca de hora e meia, que o penalizava e mortificava muito”<sup>151</sup>. Sua mulher, Clara Maria, prometeu uma missa a Nossa Senhora de Balsamão dita pelo Pe. Venerável. Tendo ido a Balsamão falar com o Frei Casimiro sobre o assunto, este respondeu-lhe que naquele dia não podia porque já tinha intenção formada, mas que a rezaria no dia seguinte, dizendo-lhe que a viesse ouvir. Como tinha levado com ela o seu filho, André, o Frei Casimiro pôs a mão sobre a cabeça do menino e disse à mulher: **“vá e tenha confiança na Senhora de Balsamão, que não lhe hão-de tornar a dar os acidentes”**. De facto, até a altura do testemunho, tinha a criança 12 anos, não lhe tinham tornado a dar. Isto ouviu ele à sua mulher que tinha por verdadeira. Também “ficou convencido de que o Venerável tinha espírito profético, pois viu verificado em seu filho o dito de que não lhe haviam de tornar a dar os acidentes”<sup>152</sup>.

### Testemunho de Manuel Rodrigues

Era natural do Lombo e residente na mesma freguesia, de 43 anos de idade.

Conta que a tia dele, Isabel Rodrigues, do lugar do Lombo, viúva, padecia de uma quartã, havia um ano. Trabalhando ele na cerca do Hospício de Balsamão, disseram-lhe que havia em Balsamão uma mezinha para tirar a quartã. Estando ele na companhia do Irmão de Lagoa, chamado Manuel de Santa Ana, ali chegou o Venerável Frei Casimiro a quem ele pediu para lhe fazer uma mezinha para que a sua tia ficasse livre da quartã. O Frei Casimiro disse-lhe que não era precisa a mezinha porque a quartã não havia de tornar a dar à tia. Voltando ele para o lugar do Lombo dentro de dois dias, certificou-se que no mesmo dia em que, de manhã, ele pediu a mezinha ao Frei Casimiro, de tarde, ficou livre da quartã<sup>153</sup>.

---

Eis como o povo conta o milagre: “Estava a ser reparada a torre da Igreja de Balsamão. Um dos trabalhadores, estando em cima de um andaime, desequilibrou-se e entrou em queda. O Frei Casimiro, vendo-o a cair, levantou as mãos, a jeito de o segurar, dizendo: «Tem-te aí». A esta ordem, o trabalhador fica suspenso no ar. Então o Frei Casimiro perguntou-lhe: «Queres ir para baixo ou para cima?». «Meu Senhor, respondeu o trabalhador, se é possível, eu quero ir para cima». «Então, vai», ordenou o Frei Casimiro. E assim aconteceu”.

<sup>151</sup> *Ibid.*, 87 f.

<sup>152</sup> *Ibid.*, 87 v.

<sup>153</sup> Cf *Ibid.*, 96 f.

## Conclusão

Estes testemunhos que acabamos de ler, dados por aqueles que conheceram e conviveram de perto com o Frei Casimiro, particularmente durante os treze meses que passou em Balsamão, tornam mais viva a sua memória entre nós.

Eles mostram como o Frei Casimiro era um homem que, no trato com os homens seus irmãos, aprendeu de Jesus e Maria a ser manso e humilde de coração, a fazer a vontade do Pai, a acolher os pecadores e a tratá-los com brandura. Aprendeu também na escola de Jesus e Maria a carregar a cruz de cada dia e a levá-la com paciência. Este testemunho do Frei Casimiro fala-nos ainda hoje. É um convite a seguir Jesus Cristo manso e humilde de Coração, com e como Maria, a Imaculada Conceição, por quem o Frei Casimiro nutria uma afeição especial.

Outro aspecto que me tocou e penso que tocou também os leitores é a dimensão franciscana do Frei Casimiro, não só no que diz respeito à pobreza, mas particularmente no que diz respeito à relação com a Natureza, e especialmente com os passarinhos e ainda com as forças da Natureza que nos parecem ser adversas. Lembro particularmente a previsão do terramoto de Lisboa e da tempestade de Balsamão; a passagem do Rio Azibo sem se molhar e o ter evitado que aquela Senhora tenha caído do olmo.

A paz interior é paz com Deus, com os irmãos, consigo próprio e com a Natureza. A Natureza, quando se vive em paz profunda, torna-se amiga do homem e como que lhe obedece.

Balsamão, onde sentimos a Natureza tão próxima, o perfume do testemunho do Frei Casimiro são um convite à paz interior, à reconciliação com Deus, com o irmão, consigo próprio e com a Natureza, sentindo-a amiga e reveladora da ternura de Deus.

Hoje a figura do Frei Casimiro apresenta-se-nos simpática e amiga. As palavras que ele disse antes de partir para o Pai são muito consoladoras: ***Então[quando estiver no Pai], vos serei mais útil.*** Este ***então*** é agora. Por isso, acreditando na comunhão dos santos em Cristo, evocamos a sua amizade salvífica e a ela recorreremos com confiança.

## APÊNDICE

**ORAÇÃO PELA BEATIFICAÇÃO DO FREI CASIMIRO**

*(Pode rezar-se uma novena para pedir uma graça de cura espiritual ou física)*

PAI NOSSO ...

Ó Santíssima Trindade, que habitais nos corações dos vossos servos fiéis e os premiais com a glória do Céu e da terra: dignai-Vos, por intercessão da Santíssima Virgem Maria, elevar o defensor da sua Imaculada Conceição e seu filho devotíssimo, Padre Frei Casimiro, às honras dos altares, concedei-nos generosas vocações de consagração e a graça (dizer o favor que se suplica), que vos pedimos, para maior glória da Vossa Divina Majestade e para bem e alegria espiritual de todos nós. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo. Amen.

GLÓRIA AO PAI ...

Ó MARIA CONCEBIDA SEM PECADO,  
ROGAI POR NÓS QUE RECORREMOS A VÓS.

*A fim de contribuir para a beatificação do Frei Casimiro, obtida a graça da cura física ou espiritual, comunique para:*

Vice-postulação  
Balsamão – Macedo de Cavaleiros  
5340-091 CHACIM  
Tel. 278 468 010; Fax: 278 468 028  
E:mail: [conventodebalsamao@gmail.com](mailto:conventodebalsamao@gmail.com)